

UNIVERSIDADE DE SOROCABA

PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO MESTRADO EM EDUCAÇÃO

Sandra Lembo Fernandes Martinez

EDUCAÇÃO INFANTIL:

REFLEXÕES SOBRE A PARTICIPAÇÃO DOS PAIS

Sorocaba/SP

2005

Sandra Lembo Fernandes Martinez

**EDUCAÇÃO INFANTIL:
REFLEXÕES SOBRE A PARTICIPAÇÃO DOS PAIS**

Dissertação apresentada à Banca Examinadora do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade de Sorocaba, como exigência parcial para obtenção do título de Mestre em Educação.

Orientadora:
Prof^a.Dr^a. Eliete Jussara Nogueira

Sorocaba/SP

2005

Sandra Lembo Fernandes Martinez

**EDUCAÇÃO INFANTIL:
REFLEXÕES SOBRE A PARTICIPAÇÃO DOS PAIS**

Dissertação aprovada como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade de Sorocaba, pela banca examinadora formada pelos seguintes professores:

Orientadora:
Prof^a. Dr^a. Eliete Jussara Nogueira

1^a Examinadora:
Prof^a. Dr^a. Sônia Chebel Mercado Sparti

2^a Examinador:
Prof. Dr. Fernando Casadei Salles

Sorocaba, 16 de dezembro de 2005

Ao Jorge, meu marido, minha paixão;
Ao Gabriel, meu filho, minha preciosidade.

Agradecimentos

Aos meus pais por terem me dado a oportunidade de estudar;

Ao Jorge, pelo incentivo e colaboração no decorrer de todo curso;

Ao meu filho Gabriel por “entender” a minha ausência nos momentos em que eu me dedicava aos estudos;

Aos diretores da Organização Sorocabana de Ensino - OSE que me deram a oportunidade para que eu concluísse mais esse trabalho;

À minha orientadora Eliete Jussara, pela sua competência, a qual me ajudou muito, e pela força que me deu no decorrer de todo o processo;

Aos profissionais e pais da Rede Municipal de Ensino, que me acolheram tão bem durante as visitas e entrevistas;

Aos amigos que me apoiaram e acreditaram no meu trabalho;

A todos vocês o meu imenso muito obrigado, pois sem o apoio e a participação de todos este trabalho não teria saído.

RESUMO

Este estudo apresenta como tema a Educação Infantil, enfocando a participação da família na escola, buscando identificar as formas de interação e apontar as ações pedagógicas que são oferecidas pelas escolas da Educação Infantil no Município de Sorocaba / SP. Para entender a importância de Educação Infantil, foi descrito um breve histórico, assim como características do desenvolvimento da criança, como orientador de planejamento no dia-a-dia da escola. Foram realizadas entrevistas com pais e diretoras de escolas municipais, com objetivo de identificar a participação da família. Utilizou-se também como instrumento de pesquisa para a coleta de informações, a análise documental do Ideário e do Projeto Político Pedagógico das escolas. Os dados dos documentos apontam para um registro de participação via APM (Associação de Pais e Mestres), na gestão e reunião de pais. As entrevistas revelaram essa participação por meio da reunião de pais, onde ocorrem conversas sobre o desenvolvimento acadêmico dos filhos, como o principal modo de participação da família na escola. Embora com um discurso oficial para a participação de pais, em múltiplos momentos na escola, o que se prevalece são as ações relacionadas à reunião de pais ou encontros individuais para falar sobre o desenvolvimento do filho. Um diálogo freqüente com pais criando um ambiente receptivo para o processo de participação democrática ainda parece ser um objetivo a alcançado.

Palavras-chave: Educação Infantil, participação da família, família na escola.

1. EDUCAÇÃO INFANTIL

A Educação Infantil, como a conhecemos hoje, é recente, pois nem sempre aconteceu dessa maneira. “Antigamente, a educação da criança era de responsabilidade das famílias, junto dos adultos (avós, tias, primos e irmãos maiores) ou do grupo social no qual ela estava inserida”.¹ Era dessa forma que a criança ia adquirindo conhecimento e se preparando para a vida.

Conhecer o passado é importante para reavaliar o presente, para conseguirmos colocá-lo numa condição crítica, vendo mais claramente a sua nova significação. Assim como um colecionador, o pesquisador procura, observa, registra, fotografa, reúne as interações humanas, investiga, enfim a teoria permite-nos ver a cultura de uma maneira diversificada. Como diz Clarisse Lispector, a teoria “ajuda a estabelecer outras relações e a perceber ambigüidades”.

Este capítulo tem como objetivo resgatar o passado e obter uma compreensão diferente da história, acompanhando um pouco do percurso da Educação Infantil no Brasil, notadamente em Sorocaba, a fim de compreender a organização e participação da família nessa etapa educacional de seus filhos.

¹ BUJES, Maria Isabel Edelweiss. Educação Infantil: pra que te quero? Porto Alegre: Artmed, 2001, p. 13.

1.1 Educação Infantil No Brasil

Didonet (1981) registra que as referências históricas sobre o surgimento de creches são unânimes em afirmar terem sido elas criadas para cuidar das crianças pequenas, na ausência das mães que saíam de casa para trabalhar. Esta afirmação está vinculada ao trabalho extra-domiciliar da mulher e da não-participação do pai no processo educativo dos filhos.

“A necessidade da pré-escola acontece, então, como reflexo direto das grandes mudanças sociais que ocorreram na Europa, a partir do século XVIII”.² Com a Revolução Industrial, adveio o crescimento do capitalismo, a estrutura familiar se modificou para adaptar-se às novas condições de sobrevivência, momento em que as mães começaram a trabalhar fora do lar, afastando-se dos cuidados de seus filhos de pequena idade, ainda com necessidades de afeto e de atenção aos comportamentos **lapidares** de sua personalidade em formação.

Esse período da adaptação, do cuidado de crianças por outra pessoa não preparada que não fosse a mãe, fez aparecerem problemas como a mortalidade infantil elevada, a desnutrição generalizada e acidentes domésticos que passaram a chamar atenção, despertando sentimentos de piedade e solidariedade de pessoas religiosas e de alguns empresários, ao mesmo tempo em que as mães trabalhadoras reivindicavam ajuda para minorar tais dificuldades.

A sociedade passou a entender essa situação como problema, e parte daí, então, o atendimento a essas crianças. A princípio com caráter assistencial, as

² DIDONET, Vital. Em Aberto / Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais. v.1, n.1, Brasília, 1981. p. 12.

creches surgiam, visando atender aos filhos de trabalhadores, e também com a finalidade de afastar as crianças do trabalho servil. Recebiam crianças ainda bem pequenas e outras com idade em fase de desenvolvimento mais distinto, porém ainda necessitando de atenção, cuidado, carinho e educação assistida.

“Tais instituições assistenciais tiveram várias denominações nos países europeus. Assim, *garderie*, na França; *asili*, na Itália; *écoles gardiennes*, na Bélgica e *guardería* que até hoje é usada em vários países latino-americanos, quando se trata de instituições que atendem crianças de 0 a 3 anos”.³ No Brasil, as creches populares que atendiam as crianças, eram chamadas de “Casa dos Expostos” ou “Rodas”.

A "Roda dos Expostos", [era] uma instituição para educar crianças cujos pais não podiam fazê-lo, foi o primeiro tipo de atendimento oferecido às crianças pequenas no Brasil. Em função da alta taxa de mortalidade (cerca de 50%), houve um incentivo à criação de creches, no final do século XIX, para que os pais não abandonassem seus filhos na "Roda" (Montenegro, 2001).

Durante algum tempo, segundo Didonet (1981), poder-se-ia dizer que orfanatos e creches eram palavras sinônimas em relação às crianças, pois o atendimento filantrópico que era oferecido às crianças órfãs, abandonadas ou filhas de mães ou pais solteiros era o mesmo dado para as crianças com família humilde e que, portanto, precisavam freqüentar as guardas / creches.

³ DIDONET, Vital. Em Aberto / Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais. V.1, n.1, Brasília, 1981, p. 11 a 25.

“Na cidade do Rio de Janeiro, em 1875, foi fundada a primeira escola privada brasileira de Educação Infantil”.⁴ Trata-se do Colégio Menezes Vieira que possuía local e materiais apropriados para receber as crianças em fase pré-escolar.

Figura 1 Vista externa do Jardim de Crianças do Colégio Menezes Vieira.

Fonte: MONARCHA, Carlos. Educação na Infância Brasileira: 1875 – 1983. Campinas: Autores Associados, 2001. p. 34.

“Em 1897, foi criado o Jardim de Infância junto com a Escola Normal de São Paulo. A escola era equipada com o material froebeliano, importado dos Estados Unidos”,⁵ que era da autoria de Froebel, considerado o criador do jardim da infância, pelo interesse que demonstrava por crianças pequenas. Froebel chegou a trabalhar

⁴ MONARCHA, Carlos. Educação na Infância Brasileira: 1875 – 1983. Campinas: Autores Associados, 2001, p. 15.

⁵ idem. p. 89.

em uma escola, onde ficou fascinado pelos princípios educacionais de Pestalozzi, o qual afirmava ser função precípua do ensino levar as crianças a desenvolverem suas habilidades.

Com o tempo, Froebel foi se aprofundando no estudo do Método Pestalozzi e a partir dele, desenvolveu sua concepção pessoal de educação. Criou materiais e jogos que tornavam o ensino mais produtivo, propiciando-lhe um aspecto lúdico, fazendo com que a criança aprendesse em contato com o real, com os objetos de aprendizagem. Froebel considerava a criança como plantinha de jardim, onde o professor deveria ser o jardineiro e dela cuidar para que fortalecesse e florescesse.

Figura 2 Jardim da Infância anexo à escola Normal de São Paulo.

Fonte: MONARCHA, Carlos. Educação na Infância Brasileira: 1875 – 1983. Campinas: Autores Associados, 2001. p. 90.

No Brasil, a visão assistencialista do atendimento de crianças de 0 a 6 anos acabou desobrigando o Estado da responsabilidade de compromisso com a educação, o que jamais deveria ter acontecido, em virtude de sua importância.

Faria (1999) coloca que, por volta da década de 30, foram criados pelo Estado os parques infantis, nova instituição vinculada ao Departamento de Cultura, o conhecido DC que, à época, tinha como diretor o escritor Mário de Andrade. Normalmente, tais parques ficavam localizados em bairros de periferia, com horário de atendimento diário que variava de 8 a 12 horas, atendendo crianças entre 3 e 12 anos de idade.

Em meados do século XIX, começa a tomar importância a formação dos professores primários. “Os professores normalistas também se empenhavam na especificação das características da primeira infância, procurando uma didática especial, estimulando, principalmente, comportamentos considerados adequados a essa fase da vida”.⁶

No dia 1º de maio 1943, foi decretada no Brasil a Lei 5452 - CLT (Consolidação das Leis Trabalhistas) a qual determinava que todas as empresas, possuindo mais de 30 mulheres trabalhadoras, deveriam ter um lugar para atender aos filhos dessas funcionárias que estivessem em período de amamentação. Normalmente, esses locais recebiam o nome de “*Guarda da Criança*” e, devido a fatores econômicos, sociais e históricos do país, cada vez mais cedo as crianças passavam a ser trazidas por suas mães, que ali sentiam segurança para seus filhos.

Conforme a situação financeira da família, esse atendimento teria de ser gratuito ou, se cobrado o serviço prestado, o preço deveria ser razoável. Nesse

local, as crianças aprendiam hábitos de higiene, alimentação e zelo pela saúde. A educação, no entanto, era por conta da família. As crianças, trazidas para o espaço que lhes fora garantido, ali permaneciam em tempo integral ou durante o tempo necessário, de acordo com o horário de trabalho das mães. Os filhos dos casais abastados eram atendidos em casa por babás, mesmo porque não haveria motivo para procurar tal auxílio social.

Em meados de 1950, os parques foram transformados nas atuais escolas municipais de Educação Infantil, recebendo as devidas alterações em relação ao seu atendimento, no que dizia respeito a horário de funcionamento menor e faixa etária das crianças atendidas passando de 0 a 6 anos de idade.

O importante de tudo isso é reconhecer que a soma das preocupações na dinâmica da sociedade, desde o início da década de 70, trouxe alguns resultados para a política educacional na área da pré-escola, no sentido de garantir educação com maior abrangência e como direito de todas as crianças.

Embora a família continue sendo a instituição primordial no cuidado e na educação das crianças pequenas, a escola assume um papel importante para a sua socialização e, também, na estruturação inicial da inteligência e da aprendizagem básica, deixando de ser apenas assistencialista e se preocupando com a educação integral, física, cognitiva e afetiva. Dessa forma, a conscientização, a partir da década de 70, atingiu os municípios de maneira geral, fazendo-os reconhecer sua responsabilidade em relação à educação da criança pequena.

No Brasil, como fruto de amplos movimentos sociais, ocorreu uma expansão de creches e de pré-escolas, o que representou uma conquista nesse período,

⁶ AZEVEDO, Fernando de. A Descentralização e a Dualidade de Sistemas. In: A Cultura Brasileira. 1996. 6ª ed. Rio de Janeiro: Ed UFRJ; Brasília: Ed. UnB, parte Terceira ("A Transmissão da Cultura"),

principalmente no que diz respeito às creches. Esse contexto fortalece a possibilidade de se vislumbrar um outro modelo de atendimento e as creches, como também as pré-escolas e mesmo as escolas primárias passaram a sofrer sérias críticas por prestarem serviços tidos como assistenciais, especificamente os cuidados com alimentação e saúde, em detrimento do serviço educacional. A partir dessas críticas, começa a criar-se uma espécie de consenso de que assistência é o oposto de educação, criticando instituições que mais pareciam "depósitos" de crianças (KUHLMANN JR., 1998).

E é nesse quadro que começa a ganhar força a idéia de que, se até então as creches, em especial, tinham sido equipamentos de mera assistência, era chegada o momento de se fortalecer um modelo "educacional" para o atendimento daquelas crianças. No entanto, ainda na década de 1980, segundo Didonet, a educação pré-escolar continuava enfrentando alguns problemas como:

- ausência de uma política educacional global e integrada;
- falta de coordenação entre programas educacionais e de saúde;
- predominância do enfoque preparatório para o antigo 1º Grau;
- insuficiência de docentes qualificados;
- escassez de programas inovadores e falta da participação familiar e da sociedade.

A dimensão de cuidado como algo relevante para a compreensão do trabalho realizado na Educação Infantil só começou a ganhar destaque, no Brasil, a partir da década de 90. As formulações e reflexões a esse respeito foram influenciadas pela psicóloga americana Bettye Cadwel, que usa o termo *educare* como expressão daquilo que entende ser o "ideal" no atendimento a essas crianças, ou seja, uma

integração entre educação e cuidado. Até então, o que existia eram as instituições de cunho mais "assistencialista", ao lado de outras de cunho mais "educativo". Contudo, ambas as modalidades de instituição sempre possuíram um projeto educacional, embora com enfoques diversos, a depender da população atendida; as primeiras, com uma proposta de educação assistencial voltada para as crianças pobres e a outra, com uma proposta de educação escolarizante voltada para as crianças menos pobres.

...nesta polaridade entre o educacional e o assistencial, educacional ou pedagógico são vistos como intrinsecamente positivos, por oposição ao assistencial, negativo e incompatível com os primeiros. Isto acaba por embaralhar a compreensão dos processos educacionais da *pedagogia da submissão*, que ocorre em instituições que segregam a pobreza. (KUHLMANN JR., 2000, p.12)

Segundo Campos (1993, p. 35), é necessário ter uma idéia de "cuidado" mais abrangente, incluída no conceito de "educar", ou seja, algo que compreenda "todas as atividades ligadas à proteção e apoio necessárias ao cotidiano de qualquer criança, como alimentação, proteção, higiene, entre outras; enfim, "cuidar", fazendo todas as partes integradas ao que chamamos de "educar".

Com a Constituição de 1988, a educação pré-escolar passou a ser vista como necessária e como um direito de todos, além de competir ao Estado (porém com caráter não-obrigatório) devendo ser integrada à educação básica tanto no que se referia às creches como às escolas.

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – LDB de 1996, define que a educação infantil deve ser oferecida em creches, ou entidades equivalentes, para crianças de 0 a 3 anos de idade, e em pré-escolas, para crianças de 4 a 6 anos de idade. Ainda que não obrigatória, é um direito público, cabendo a expansão da oferta ao município, com apoio das esferas federal e estatal.

Até recentemente as creches e pré-escolas destinadas ao atendimento das crianças de 0 a 6 anos estavam vinculadas à assistência social e não faziam parte do sistema educacional. Somente com a LDB é que esta integração, já prevista na Constituição Federal, começou a ser implantada de forma mais sistemática, com prazo de três anos para a sua efetivação, acarretando mudanças no conteúdo do trabalho desenvolvido (INEP, 2001).

No período de 1987 a 2001, o ensino pré-escolar obteve um aumento de 8,9% em número de matrículas. A partir de 1998, com a retomada do crescimento, a taxa média anual de expansão da pré-escola foi de 3,7%, totalizando em 2000 uma elevação de 7,5%. Portanto, só em 2001, o crescimento registrado já foi maior que nos dois anos anteriores. (MEC / INEP / SEEC, Censo da Educação Infantil - 2001).

A expansão da Educação Infantil no Brasil tem acontecido de forma crescente nos últimos anos, principalmente na década de 90 e, partindo de constatações de que experiências da primeira infância também são determinantes para o desenvolvimento do ser humano, o papel do profissional passou a ser considerado como fundamental, levando a novas exigências quanto à sua formação.

A partir de 1996, a LDB determina que o professor de educação infantil tenha como formação mínima o nível superior.

Em 1996, a LDB estabeleceu que a Educação Infantil é a primeira etapa da Educação Básica, e tem por finalidade promover o desenvolvimento integral da criança até 6 anos de idade. Sobre a formação de docentes, a Lei determina, no artigo 62, que para atuar na educação básica é preciso nível superior em universidade ou institutos superiores de educação, admitindo como formação mínima para o exercício do magistério na educação Infantil, bem como nas primeiras quatro séries do ensino fundamental, a nível médio, na modalidade Normal. Prevê ainda que em um prazo de dez anos só serão admitidos professores habilitados em nível superior ou formados em serviço (UNESCO, 2001: p 41).

Na verdade, as crianças, desde cedo, participam de diversas práticas sociais no seu cotidiano, dentro e fora da instituição de Educação Infantil, adquirindo, dessa forma, conhecimentos sobre a vida social, partindo da família, em que se incluem parentes e amigos, e abrangendo o seu entorno: rua, instituição escolar, igreja, posto de saúde, entre tantos outros, que constituem os espaços de construção do conhecimento social.

Na instituição de Educação Infantil, a criança encontra a possibilidade de ampliar as experiências que traz de casa e de outros lugares, de estabelecer novas formas de relação e de contato com uma grande diversidade de costumes, hábitos e expressões culturais; ali ela vai cruzar histórias individuais e coletivas e compor um repertório de conhecimentos comuns àqueles grupos, enquanto deles participa.

1.2 Educação Infantil da cidade de Sorocaba

Alguns dados sobre a história da Educação Infantil de Sorocaba foram obtidos principalmente através de relatos orais, pois faltam documentos e registros sobre o assunto.

Por essas informações, sabemos que, na cidade de Sorocaba, a primeira escola denominada Parque Infantil nº 1, localizada no bairro Além Ponte, tinha como diretora a professora Lucy de Barros Nardy, que iniciou seus trabalhos em 1954,

na gestão do Prefeito Dr. Emerenciano Prestes de Barros. A escola atendia crianças na faixa etária de 3 a 12 anos, divididas em três turmas: de 4 a 6; de 7 a 9 e de 10 a 12 anos. Hoje, em 2005, no local funciona CEI – 01 (Centro de Educação Infantil – nº1) , que atende apenas crianças na faixa dos 4 aos 6 anos.

Em seguida, foram surgindo outros parques: o nº 2, na Vila Santana, dirigido pela professora Maria Tótora; o nº 3, no Largo do Divino, tendo como diretora a professora Ilza Negrini de Souza; o nº 4 na Vila Angélica dirigido pela professora Maria Gagliardi, e o Parque Infantil nº 5, localizado na Barcelona, cuja diretora era a professora Ivone Gomes Castilho, que ali ficou até 1964 quando passou a assumir o cargo de Chefe da Divisão de Assistência Social.

As atividades eram desenvolvidas em terrenos simples do município, em bairros novos, afastados do centro, e estavam relacionadas à recreação, assistência ao ensino, prevenção para a vida prática, com noções de higiene e oferecendo, também, a merenda escolar.

As professoras, por conta de conseguirem acompanhar as crianças pequenas em suas atividades, usavam calças compridas, e assim podiam correr, sentar-se no chão com as crianças, o que favorecia o bom relacionamento com elas. Eram, no entanto, criticadas, pois a moral da época (anos de 1950) não permitia que professoras usassem outra vestimenta que não fosse o uniforme imposto: saia e blusa. Mas elas insistiram, não esperando o final dessa década e início dos anos 60, quando foi liberado o uso das calças compridas na escola.

O trabalho pedagógico se fazia com material alternativo: sucata, sobra de pequenos lápis e outros tipos de materiais. Contava-se muito com a criatividade das professoras, já que não havia material suficiente para manter o objetivo do curso. Assim, eram as próprias professoras que buscavam levantar recursos para a

construção de novas salas ou galpões, fazendo festas, quermesses, bazares, e em muitas dessas ocasiões, por falta de local adequado, os eventos aconteciam sob as frondosas árvores do pátio da escola, no intuito de arrecadar fundos para as necessidades escolares.

Em 1964, foi introduzido nos parques o Método Montessoriano, aprimorando o planejamento pedagógico. Nessa época, foi observada, também, a necessidade de difundir mais diretamente aos familiares os conceitos de higiene e outros tipos de informação importantes para a saúde e o desenvolvimento social das crianças, criando-se, então, as reuniões de pais e mestres.

Médicos e assistentes sociais realizavam palestras informativas. Havia um bom entrosamento entre mães e escola, segundo docentes da época, que lembram o fato de mães auxiliando nas festas e também na manufatura de diversos materiais, não só para a instituição, como também para as crianças mais carentes da escola.

Em 1970, os Parques Infantis foram transformados em CERIs (Centro de Educação e Recreação Infantil). Neste momento, também foi sentida a necessidade de propiciar às crianças atividades programadas para o desenvolvimento intelectual, tornando-as aptas para o ingresso no 1º Grau.

Foi no ano de 1974 que tais Centros de Educação e Recreação Infantil passaram a receber a denominação de s EMEIs (Escola Municipal de Educação Infantil), mantendo o atendimento a crianças na faixa etária de 4 a 6 anos. Os locais de funcionamento da EMEIs não eram sofisticados, mas favoreciam o progresso educacional de seus pequenos alunos.

Essas escolas sorocabanas, por iniciativa do próprio DEFE (Departamento de Educação Física Estadual), foram consideradas modelos para as que surgiam naquele momento em outros municípios da região. Foi quando Sorocaba se desligou

da sua orientação, passando a ministrar os cursos de atualização na própria cidade, cursos esses em que tiveram oportunidade de apresentar seus ensinamentos os professores Aracy Rodrigues, Jurema Galvão, Dinorah do Valle, Salvador Felisette, Corina Maria Peixoto Ruiz entre outros. Havia participação de todas as professoras e diretoras da rede municipal, não apenas das escolas da Sorocaba, mas também de municípios vizinhos.

A EMEI de nº 8 foi inaugurada em 1976, na Vila Progresso, tendo como diretora Maria Tereza Mascaranhas de Barros, durante a administração do prefeito José Crespo Gonzáles e sob a Coordenadoria de Educação e Saúde do professor Otto Wey Netto.

Já na administração do Prefeito Theodoro Mendes, em 1977, foi a vez da EMEI nº 9, que funcionava no prédio do orfanato Lar e Escola Monteiro Lobato, passando, então para o Jardim Arco Íris, sob a direção da professora Zélia Maria Falcato Baldochi.

Todas essas escolas atendiam crianças de 4 a 6 anos, divididas em três fases, de acordo com a idade desses alunos. Nessa época, a escola Municipal Getúlio Vargas também tinha uma classe para atender crianças de 6 anos, e no bairro da Aparecidinha, fora do perímetro urbano, começou a aparecer o interesse de pré-alfabetizar suas crianças. Para tanto, a Secretária de Educação da época promoveu estágios na cidade de São Paulo com a professora Maria Tereza Fumagalli, que orientaria o trabalho dessa nova classe de alunos pré-escolares.

No ano seguinte, 1978, uma equipe de pessoas que atuava na divisão social, resolveu desenvolver um projeto para ocupar os espaços ociosos da prefeitura, colocando classes para atender crianças em fase pré-escolar. Foram então criados 10 CECOPES (Centro de Convivência do Pré-Escolar) onde as

crianças eram atendidas por professoras treinadas em ação comunitária e com especialização em educação pré-escolar. Alguns desses CECOPES aconteceram

- dentro do Centro de Integração Social da Vila Barão, que tinha o período da manhã ocioso;
- em área junto ao SESI (Escola de 1º Grau) do Jardim Sandra;
- dentro do Centro Social Urbano construído pelo Estado, e totalmente ocioso no bairro de Pinheiros;
- dentro do Centro Esportivo Municipal (Dr. Pitico), na Vila Angélica;
- em outros em bairros como: Jardim Zulmira, Vila Fiore, Jardim dos Estados e Lopes de Oliveira.

Além dos CECOPES, foram criados também os CIS (Centro de Integração Social) que seriam pólos de integração comunitária, tendo como objetivo atender crianças carentes.

Com a cidade de Sorocaba em pleno desenvolvimento urbano e enfrentando problemas com a Educação, Saúde, Saneamento Básico, Imigração fica fácil deduzir que a necessidade de escolas infantis aumentava a cada dia. Assim, foram criadas mais EMEIs: a nº 11, no Mineirão, em 1978, dirigida pela professora Maria Ângela de Souza Pinto, e a de nº 13, no Éden, tendo como diretora a professora Josefa Granado Moreira da Cunha. No entanto, mesmo com essa evolução, os CECOPES continuavam em funcionamento, e eram dirigidos pelas orientadoras comunitárias que regiam as classes.

No governo posterior, na gestão do Prefeito Flávio Chaves, aconteceu a unificação das EMEIs e dos CECOPES sob um novo nome PEMSO (Pré-escola Municipal de Sorocaba). Com isso, a divisão de educação da época resolveu adotar a filosofia pedagógica de Carl Rogers, educação centrada na criança e para isso foi

contratada a assessoria do Centro de Aperfeiçoamento de Acessória de Pré-escola (CATAPE), surgindo também a supervisão pedagógica e as reuniões pedagógicas devido à necessidade de um acompanhamento mais efetivo. Essas supervisoras tinham como objetivo auxiliar as professoras que apresentavam dificuldades na linha da pedagogia adotada pela prefeitura e, com isso, mantinha-se em toda a rede uma única proposta pedagógica.

Com a unificação, findaram as divergências entre as duas correntes pedagógicas paralelas (EMEI e CECOPE), dando origem, então, a um único modelo educacional para o município (uma linha educacional comum), com materiais de apoio pedagógico e cursos de aperfeiçoamento para os professores.

A partir de 1988, por determinação da Constituição Federal, as creches passaram a integrar a Secretaria de Educação, com caráter não somente assistencialista, mas também educacional. Naquele momento, a cidade de Sorocaba tinha à testa o Prefeito Antonio Carlos Pannunzio o qual, junto com a Secretária da Educação, começou a repensar uma nova prática educativa, propondo um trabalho de melhor qualidade com as crianças de 0 a 6 anos, no sentido da necessidade de uma escola mais justa e mais democrática, preparando profissionais para trabalhar com essa nova proposta. Dentro dela deveriam ser valorizados:

- O respeito;
- A liberdade;
- A responsabilidade;
- O diálogo, a troca de experiência, a comunicação;
- O tateio experimental;
- As relações democráticas;
- A iniciativa, a participação, a cooperação;

- A autonomia;
- O espírito crítico, a apropriação e a construção individual e coletiva do saber;
- A criatividade;
- O prazer.

Não se poderia descuidar, também, de uma ação pedagógica como ação social, democrática, a fim de que se pudesse obter o resultado a que se propunham as creches de Sorocaba.

Depois de um tempo, em decorrência da Lei 4.599, de 6 de setembro de 1994, foi instituído o Quadro e Plano de Carreira do Magistério Público Municipal de Sorocaba, oportunidade em que se deu a unificação das creches com as pré-escolas. Com isso, deixaram de existir os CECOPES e as EMEIS, resultando todas nos CEIs (Centro de Educação Infantil), que até os dias de hoje atendem crianças de 0 a 6 anos, em período parcial ou integral.

2. O DESENVOLVIMENTO INFANTIL E O PLANEJAMENTO ESCOLAR

Este capítulo pretende apontar alguns aspectos do desenvolvimento infantil até mais ou menos os seis anos, acreditando que o conhecimento das características do desenvolvimento humano ajuda a entender e planejar as ações pedagógicas na Educação Infantil.

2.1 A Importância do Afeto

O início do ciclo vital pode ser considerado a partir do momento em que a criança é gerada, quando, mesmo ainda dentro do útero materno, se inicia também o vínculo afetivo com os seus genitores, principalmente com a mãe, pois é ela quem vai acolher essa criança por nove meses.

Com o nascimento, a criança necessita de cuidados para sobreviver, precisando de que alguém cuide, alimente, proteja e a acolha plenamente. Isso não deverá acontecer somente em relação às suas necessidades vitais, mas também, em relação à sua vida afetiva, pois, nesse momento, o bebê já é capaz de sentir o carinho e a afetividade de seus pais.

Importantes vínculos que oferecem segurança ao bebê são construídos pelas relações afetivas dos seus cuidadores. Para Bowlby, “os apegos seguros que o ser humano recebe, na gestação, no nascimento e no decorrer da infância proporcionam as primeiras relações sociais, que irão favorecer o seu desenvolvimento. Porém, o

contrário disso, a falta de apego segurança nas relações com os cuidadores, refletem-se, futuramente, em problemas emocionais, de insegurança e auto-estima baixa”.³

A criança tem necessidade de contato humano. Desde cedo, o recém-nascido já está apto a produzir reações capazes de obter de seus pais a satisfação de suas necessidades. O choro, um dos poucos comportamentos que a criança tem condição de fazer sozinha, e do qual se utiliza para comunicar-se, a fim de que suas necessidades sejam satisfeitas, demonstra algumas de suas “vontades”, como ser carregada, ser acariciada, cercada e envolvida de afetos. Esta necessidade varia, sem dúvida, de uma criança para outra: algumas pedem mais atenção que outras, mas todas necessitam de afeto para seu desenvolvimento emocional sadio.

É importante também observar o “clima emocional²” no qual a criança está inserida. Isto é, a qualidade, a forma de afetividade que está recebendo de seus pais ou das pessoas por quem é cuidada. É a maneira que dispensam no modo de cuidar da criança, de carregar, de amamentar, é a capacidade de se doar a esse filho ou a essa criança, sem nada esperar em troca, a não ser alegria de sua existência e de seu bem-estar. Esse clima emocional constituído pelos sentimentos dos adultos, amplamente responsáveis pela qualidade de sua conduta, é que estará influenciando no desenvolvimento da criança.

Da mesma forma, mães/pais que passam por algumas dificuldades e acabam proporcionando um clima emocional sem afetividade, estarão colaborando negativamente no desenvolvimento da criança. Algumas causas dessas dificuldades podem ser detectadas, como problemas sócio-econômicos, conjugais, traumas

³ BOWLBY, John. Apego: a natureza do vínculo. Traduzido por Álvaro Cabral. São Paulo: Ed. Martins Fontes, 1990.

² DAVID, Myriam. A Criança de 0 a 2 Anos: vida afetiva, problemas familiares. São Paulo: Paulinas, 1983. p. 45.

recentes (mortes de parentes, maus tratos, negligências), dificuldades afetivas não-superadas, cuidadores depressivos, pais que não aceitaram aquela gravidez, imaturidade, entre vários outros.

Em processo de desenvolvimento, a criança já começa a conhecer e a distinguir sua mãe dos outros que a rodeiam. Tem consciência do prazer que lhe proporcionam seus pais nos momentos de cuidado, e também fica infeliz e magoada quando não recebe o carinho, o cuidado e a atenção que lhe costumam ser dispensados.

Já por volta dos 12 meses, a criança ainda continua no plano afetivo, sendo extremamente dependente de sua família. “Gosta de ficar com ela, de lhe mostrar tudo, de receber admiração, fazendo com que sua mãe participe de todas as suas alegrias e também de todas as suas mágoas”.³ Nessa fase, a criança toma consciência do que pode fazer, começa a compreender o que passa à sua volta, sabe prever as condições de alguns de seus atos e passa a entender cada vez mais a linguagem, da qual também já se utiliza.

No entanto, a criança só pode fazer essas aquisições em segurança afetiva, isto é, se suas necessidades fundamentais forem satisfeitas pelos cuidadores e, principalmente, por sua mãe que é a figura mais indicada para poder lhe proporcionar tudo isso, através de seus cuidados.

Por volta dos seus três anos, a criança aprende a suportar certas frustrações e a controlar sua agressividade para conservar o amor do outro. Já começa também a estender as suas relações para além do pai, da mãe e dos irmãos a outros familiares. Dessa forma, suas experiências afetivas se ampliam, pois descobre que

³ BEE, Helen. O Ciclo Vital. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997. p. 194.

a mãe não é exclusiva; deixa de ser o centro do seu universo, tem experiências de compartilhar seu amor com outras pessoas.

“As motivações afetivas constituem uma força viva que estimula constantemente o indivíduo a buscar soluções, tanto para si quanto para o seu grupo familiar, profissional e social, fonte de seu desenvolvimento e de enriquecimento”.⁴

A afetividade na relação com os pais ou com os cuidadores é que vai proporcionar um clima emocional que pode contribuir para o desenvolvimento da criança, principalmente no período dos 0 aos 6 anos, momento em que as relações de amor, compreensão, aceitação, paciência, o compartilhamento de experiências e o dialogar podem construir apegos seguros para a construção de atitudes de enfrentamento para a vida.

2.2 O Desenvolvimento Cognitivo na Perspectiva Sociointeracionista

Três importantes teóricos em educação (Piaget, Vigotsky e Wallon) dizem que o desenvolvimento cognitivo e a capacidade de aprender se constroem a partir do momento em que o ser humano estabelece trocas, ou faz interações com o objeto de conhecimento e com outros sujeitos.

A perspectiva interacionista concebe o desenvolvimento infantil como um processo dinâmico, pois a criança não é passiva e nem mera receptora das

informações que estão à sua volta. Por meio da interação com o seu próprio corpo, com os objetos do seu contexto e com outros indivíduos, a criança vai realizando representações mentais, que ampliam os esquemas cognitivos, possibilitando o desenvolvimento do raciocínio, do pensamento, funções psicológicas superiores.

Segundo o biólogo e epistemológico suíço **Jean Piaget** (1896 – 1980), o desenvolvimento intelectual se efetiva por estágios ou fases sucessivas, constantemente, o que não isenta a existência de diferenças individuais, pois cada criança pode alcançar tais estágios em épocas diversas. Sua preocupação central era descobrir como se estrutura o conhecimento.

Piaget observa que o desenvolvimento pode ser compreendido a partir dos seguintes períodos / estágios: sensório motor, pré-operatório, operatório concreto e operatório formal. Durante o período da Educação Infantil a criança passa pelos seguintes estágios:

– *Período sensório-motor (de 0 aos 2 anos aproximadamente):* quando os sistemas de esquemas mentais prefiguram futuras operações, porém sem nenhuma reversibilidade operatória.

– *Período pré-operatório (por volta dos 2 aos 6 / 7 anos):* marca o início da função simbólica que é a base para a aquisição da linguagem, fator preponderante para o aprendizado da leitura. É a hora de preparar a criança para o mundo exterior, sendo que, nessa fase, a criança também vai construindo sua capacidade de efetuar operações lógico-matemáticas.

Já **Henri Wallon** (1879 – 1962), médico francês, propõe o estudo integrado do desenvolvimento infantil, contemplando os aspectos da afetividade, da motricidade e da inteligência. Para ele, o desenvolvimento depende das

⁴ DAVID, Myriam. A Criança de 0 a 2 Anos: vida afetiva, problemas familiares. São Paulo: Paulinas, 1983. p. 107.

experiências oferecidas pelo meio e do grau de apropriação que o sujeito faz delas. “Nesse sentido, seriam os aspectos físicos do espaço, as pessoas próximas com quem convivem, a linguagem e os conhecimentos presentes na cultura de cada um e que também vão contribuir para formar o contexto do desenvolvimento”.⁵

Para Wallon “o desenvolvimento acontece pela interação, porém de forma descontínua, sendo marcado por rupturas e retrocessos”.⁶ A cada estágio de desenvolvimento infantil existe uma reformulação e não apenas uma adição, ao conhecimento anterior.

Os estágios de desenvolvimento, segundo Wallon, são:

- *Estágio impulsivo-emocional (1º ano de vida)*: momento em que a criança vai se relacionar com o ambiente (olhar, andar, pegar...).
- *Estágio sensório-motor (aproximadamente de 1 a 3 anos)*: a criança vai adquirindo a capacidade de simbolizar, sem a necessidade de visualizar o objeto, ou a situação à qual estamos nos referindo.
- *Personalismo (aproximadamente dos 3 aos 6 anos)*: nesta fase, ocorre a construção da consciência, através das interações sociais, dirigindo o interesse da criança para as pessoas, predominando, assim, as relações afetivas.
- *Estágio categorial (seis anos)*: a criança dirige o seu interesse para o conhecimento e a conquista do mundo exterior, em função do progresso intelectual que conseguiu conquistar até o momento.

O psicólogo russo **Lev Semenovich Vigotsky** (1896 – 1934), formado também em história, literatura e filosofia, atribui uma enorme importância ao papel da interação social para o desenvolvimento do ser humano, colocando que o funcionamento psicológico se estrutura a partir das relações sociais estabelecidas entre o indivíduo e o mundo exterior. “Essas relações ocorrem dentro de um

⁵ DANTAS, Heloysa. Piaget, Vygotsky e Wallon: teorias psicogenéticas em discussão. São Paulo: Summus, 1992. p. 85.

⁶ NUNES, Nadir Neves. Pré-escola tempo de espera. 1995. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Estadual de São Paulo, São Paulo, 1995.

contexto histórico e social, no qual a cultura desempenha um papel fundamental, fornecendo ao indivíduo os sistemas simbólicos de representação da realidade”.⁷

Vigotsky afirma que “aprendizagem e desenvolvimento estão inter-relacionados desde o primeiro dia de vida da criança”.⁸ Ele também observa que a criança apresenta em seu processo de desenvolvimento dois níveis, distinguindo um deles como real e o outro a que se refere como potencial.

- *Nível de desenvolvimento real:* quando se refere às etapas já alcançadas pela criança, isto é, ela já consegue fazer sozinha, sem ajuda de outras pessoas.
- *Nível de desenvolvimento potencial:* diz respeito à capacidade de desempenhar tarefas com a ajuda de outras pessoas. Há atividades que a criança é capaz de realizar sozinha, mas outras ainda podem necessitar da interferência de uma outra pessoa para melhorar seu desempenho.

Vigotsky considera essa interferência fundamental para o desenvolvimento da criança. O papel do adulto, seja ele pai ou professor, é saber intervir na *zona de desenvolvimento proximal ou potencial*, que seria “a distância existente entre o nível de desenvolvimento real e o nível de desenvolvimento potencial, provocando avanços que não ocorreriam espontaneamente no desenvolvimento da criança”.⁹ No entanto, é importante lembrar que crianças também aprendem com crianças, em situações informais de aprendizado.

Para entender o desenvolvimento infantil e poder aplicá-lo na Educação, não podemos deixar de citar Emília Ferrero, psicóloga e pesquisadora argentina, discípula de Piaget, que desenvolveu suas pesquisas sobre a aquisição da leitura e

⁷ REGO, Teresa Cristina. Vygotsky: uma perspectiva histórico-cultural da educação. Petrópolis, RJ: Vozes, 1995. p. 59.

⁸ VIGOTSKI, Lev Semenovich. A formação social da mente. São Paulo: Martins Fontes, 1998. p. 111.

⁹ OLIVEIRA, Marta Khol. Vygotsky Aprendizado e desenvolvimento um processo sócio-histórico. São Paulo: Scipione, 1995. p. 61.

da escrita e que, como docente, iniciou seus trabalhos experimentais, dando origem aos pressupostos teóricos sobre a aquisição da leitura e da escrita. Sua preocupação foi a de observar como se realiza a construção da linguagem e da escrita da criança, e percebeu que as crianças reinventam a escrita no sentido de que inicialmente precisam compreender seu processo de construção e suas normas de produção. Para ela *ler não é decifrar, e escrever não é copiar*. Também argumenta que a criança, na faixa dos seis anos, já tem condições de decifrar o que é desenho e o que é texto, e sabe o que se pode ler e reconhece letras. Isso acontece dentro de um processo, no qual a criança passa por algumas fases que seriam:

- *1ª fase*: O início da construção da escrita. Nesta fase a criança é capaz de ler em seus “rabiscos” aquilo que pretendia escrever. É também o momento em que ela vai elaborar a hipótese de que a escrita dos nomes é proporcional ao tamanho do objeto ou ser a que está se referindo.
- *2ª fase*: A criança vai descobrir que para ler outras palavras diferentes é preciso usar formas diferentes. Ela vai procurar combinar de várias maneiras diferentes as poucas formas de letras que é capaz de reproduzir. Mas ao tentar escrever, ela já respeita duas exigências básicas: a quantidade de letras (sempre mais que três) e a variedade entre elas (dificilmente as repete).

Para a 1ª e para a 2ª fase, Ferrero dá o nome de nível pré-silábico, pois a escrita é alheia a qualquer busca de correspondência com o som.

- *3ª fase*: “A criança já começa a tentar dar um valor sonoro a cada uma das letras que compõem a palavra. Seria então o nível silábico”,¹⁰ isto é, cada grafia traçada corresponde a uma sílaba pronunciada.

Exemplo: SAPATO (forma ortográfica)

- *4ª fase*: Seria o chamado nível silábico alfabético, em que ocorre a transição da hipótese silábica para a alfabética. A criança começa a perceber que escrever é representar progressivamente partes sonoras das palavras, mesmo que ainda não o faça corretamente.
- *5ª fase*: É o último nível da aprendizagem da escrita. É quando a criança chega aos seguintes entendimentos:
 - a sílaba não pode ser considerada uma unidade, podendo ser desmembrada em elementos menores;
 - a identificação do som não garante a identificação da letra, gerando as dificuldades ortográficas;
 - para proceder à escrita é necessária a análise fonética das palavras.

Mesmo depois de ter passado por esses níveis, a criança tem à sua frente uma longa estrada. Após essa revolução conceitual a respeito da aprendizagem da escrita, é importante que a dinâmica pedagógica também se revolucione. Assim, as atividades devem ser organizadas de modo a desafiar o pensamento, para estimular a criança a mais uma conquista.

2.3 Características Motoras

Na primeira infância, o desenvolvimento cognitivo se faz junto com o desenvolvimento motor. É pela independência motora, pela dissociação de

¹⁰ FERRERO, Emília. Reflexões sobre alfabetização. São Paulo: Cortez, 1995. p. 54.

movimentos que a criança estabelece mais relações aos seus esquemas mentais. Por isso, para quem trabalha na Educação Infantil, é importante conhecer o desenvolvimento motor.

- *Dos 0 aos 3 anos*

A atividade motora é intensa na idade de 0 a 3 anos. A criança de 3 anos já é capaz controlar a flexibilidade dos joelhos, dos tornozelos e pés, fazendo com que tenham mais segurança para andar, dançar, saltar, fazer acrobacias e subir numa cadeira para apanhar objetos. Nessa fase ela já pode correr, pular, subir e descer escadas, pois já tem adquirido melhor o equilíbrio, mas não consegue parar ou fazer curvas repentinas.

A coordenação entre mãos e olhos desenvolve-se bastante nesse período. “A atividade motora está em primeiro plano, o que possibilita à criança ser capaz de montar duas partes de uma gravura simples, cortadas ao meio. Existe liberdade, desembaraço e espontaneidade em suas ações”.¹¹ É também nessa fase que ela vai começar a tirar ou a colocar a roupa sozinha.

É um período de instabilidade, a criança não pára quieta, por isso a principal atividade sugerida é a brincadeira e/ou o brinquedo adequado ao seu interesse.

- *Dos 4 aos 6 anos*

Nessa fase, a atividade motora ganha mais desembaraço e ousadia. A criança já corre mais, pula, gosta dos jogos e brincadeiras tumultuados, pois é ágil e tem maior controle corporal.

A criança é muito ativa e tem o ritmo bem desenvolvido. Começa a ganhar força, tem facilidade para aprender a dançar, a executar exercícios e participar de

¹¹ FERREIRA, Idalina Ladeira / Sarah P. Souza Caldas. Atividades na Escola Maternal. São Paulo: Saraiva, 1986. p. 16.

provas físicas. “Nessa fase tem consciência das mãos como instrumento de trabalho, e assim sendo, já consegue se vestir sozinha e amarrar seus sapatos sem a ajuda dos adultos”.¹²

Os lápis, principalmente os de cor, são bastante atraentes para crianças dessa idade. Os desenhos tomam significado e elas começam a descobrir as possibilidades do material com as próprias mãos.

2.4 O Pedagógico na Educação Infantil

Durante muitos anos, a função primordial da Educação Infantil esteve voltada apenas para o cuidado e a guarda de crianças. O trabalho voltado à aprendizagem da leitura e escrita, ficava ao encargo do Ensino Fundamental e a “brincadeira”, aos

então chamados Jardins de Infância. Essa idéia foi sendo modificada com o estudo sobre a aprendizagem de crianças, e a concepção de uma educação, com objetivos pedagógicos para a Educação Infantil, “foi legitimada na Constituição de 1988, pela qual então a pré-escola, passa a fazer parte da educação básica, atribuindo à criança condições de cidadã, cujo direito à proteção integral deve ser assegurada pela família, pela sociedade e pelo poder público”.¹³ Sendo assim, era necessário discutir um currículo como instrumento que respondesse às necessidades desse

¹² FERREIRA, Idalina Ladeira / Sarah P. Souza Caldas. Atividades na pré-escola. São Paulo: Saraiva, 1988. p. 7.

aluno, com características específicas para o seu desenvolvimento, diferentes daqueles propostos para a criança do ensino fundamental.

A Educação Infantil tem como objetivo primordial atender às necessidades psicossociais da criança, criar condições adequadas para o seu desenvolvimento global, estimular-lhe a criatividade, a autonomia, a cooperação, considerando para isso a história de vida de cada um, suas experiências e sua individualidade. O desenvolvimento deve ser pleno, ampliando a responsabilidade da educação para todas as habilidades sociais e psicológicas.

Em acordo com os Referenciais Curriculares, são apresentados aspectos que devem ser considerados no planejamento de atividades:

a) *Espaço:*

É muito importante que a escola de Educação Infantil tenha espaço, de preferência que funcione ao ar livre, para que as crianças possam desenvolver todas as suas habilidades. Como foi dito, elas precisam correr, chutar bolas, brincar de esconde-esconde, de roda, de amarelinha, pular corda, entre outras atividades motoras. As crianças precisam brincar, não apenas por gostar de brincar, mas porque

¹³ BRASIL. Ministério da Educação. Ação compartilhada das políticas de atenção à criança de zero a seis anos/ Ministério da Educação, Ministério da Previdência e Assistência Social. _ Brasília: MEC / SEF, 1999. p. 7.

aprendem sobre si mesmas e sobre o mundo, por meio dos brinquedos e das brincadeiras.

b) *Tempo:*

Ao planejar qualquer atividade, o professor deverá se preocupar com o tempo. “É fundamental que exista uma organização referente a todas as atividades planejadas, além da rotina que envolve o aluno durante o período de aula (horário de chegada, lanche, brincadeiras, histórias...).¹⁴” Sem contar, também, com a necessidade biológica da criança, pois uma criança menor tem um período pequeno de concentração e, ao mesmo tempo, necessita de um tempo maior para executar outras atividades. Assim, por exemplo, uma criança de três anos leva um tempo maior para se alimentar do que uma criança de seis anos, e essas necessidades devem ser respeitadas.

c) *Material Didático:*

Antes de cada atividade é importante que o educador se preocupe com alguns itens relacionados ao material com que vão trabalhar suas crianças. Assim, é preciso sempre fazer a seleção do material, para verificar se é acessível ao grupo; deve observar e manter sua

¹⁴ BARBOSA, Maria Carmen Silveira e Maria da graça Souza Horn. Educação infantil: pra que te quero? / organizado por Carmem Maria Craidy e Gladis P. da Silva Kaercher. Porto Alegre: Artmed, 2001. p. 68.

conservação e ordem, além de utilizar-se de alguns recursos tecnológicos que possam ser úteis à sua proposta de trabalho.

d) Clima da Aula:

O clima da aula deve estar voltado para a relação afetivo-corporal, assim como para o estabelecimento de limites para as crianças, tanto como para o reforço do educador; tudo isso, no entanto, num clima emocional positivo, para que se tenha um bom retorno coletivo do trabalho.

e) Estilo Comunicativo:

O professor deverá fazer intervenções sobre a comunicação da criança em momentos adequados. Situações comunicativas devem existir para incentivar exatamente a melhor comunicação entre as crianças e entre crianças e professor. A adequação da linguagem deve estar presente, porém não de maneira infantilizada. A criança já entende o falar adulto e pode adequá-lo ao seu cotidiano.

f) Atenção à Diversidade:

O professor deve procurar agrupar os alunos dentro da sala de aula, e trabalhar com as diferenças individuais, respeitando-as.

g) Adequação das Atividades:

As atividades devem estar adequadas à idade da criança, e devem ser significativas a fim de despertar-lhes o interesse e a participação.

h) Parceria com as Famílias:

Evitar ações que geram a discriminação entre as crianças e, ao mesmo tempo, procurar incluir as famílias e não excluí-las por serem diferentes, devendo ser respeitados os diferentes tipos de estrutura familiar.

i) Conteúdos Curriculares:

Devem-se planejar atividades que envolvam movimento, Música; Artes Visuais, Linguagem Oral e Escrita, Natureza e Sociedade e Matemática.

Além disso, o aluno deverá ter uma rotina bastante diversificada, para o que as atividades devem ser planejadas, partindo sempre do interesse e das necessidades naturais da criança. Não podemos deixar de trabalhar as maneiras, os modos e as habilidades por meio das quais as crianças se expressam nessa fase, a que se denomina *linguagem de expressões*.

As linguagens de expressões, são assim definidas:

- *Linguagem Plástica:* através de atividades como: desenho, pintura, recorte, colagem modelagem, montagem, dobradura... A criança recebe condições para revelar o que

pensa e o que sabe, sendo então avaliado o seu desenvolvimento emocional e intelectual e o a sua capacidade criadora;

- *Linguagem Oral*: com algumas atividades como histórias contadas ou lidas, conversas informais, poemas, jogral, coro falado... São elas que vão possibilitar o desenvolvimento da linguagem como um meio de comunicação;
- *Linguagem Corporal*: através da dança espontânea, da dramatização, da mímica, do movimento, a criança vai promover o desenvolvimento da percepção, do conhecimento e do controle do seu próprio corpo;
- *Linguagem Matemática / Ciências*: através de atividades dirigidas, a criança aprenderá os conceitos básicos, porém sempre isso deverá ser colocado no concreto com explicações claras para que possibilite à criança desenvolver o raciocínio, algumas operações mentais, a agir e transformar objetos e a observar os efeitos produzidos;

- *Linguagem Musical*: a música clássica, a folclórica e outros tipos de canções, devem fazer parte nesta fase (no horário da entrada, do lanche, da saída...) Esse trabalho desenvolve a percepção, o gosto, a acuidade e a sensibilidade musical;
- *Linguagem Afetivo-Social*: composta de atividades que vão favorecer a oportunidade para que a criança se socialize, crie laços afetivos com os professores, colegas, funcionários da escola, visando incentivar a criança a descobrir os hábitos desejáveis e a assumir as regras de conduta social.

2.5 O Ambiente Escolar

Como um dos principais agentes socializadores, a escola também é responsável pela transmissão dos valores de uma cultura entre gerações. Atuando de modo não-verbal, o meio físico tem impacto direto e simbólico sobre seus ocupantes, facilitando e/ou inibindo comportamentos.

O ambiente escolar possibilita a decodificação e a aprendizagem até mesmo de normas sociais. Por exemplo: cadeiras dispostas em círculo sugerem que ocorrerá uma discussão, na qual é esperada a participação de todos; carteiras enfileiradas voltadas para o professor pressupõem aula expositiva; mesas próximas

entre si podem indicar a realização de trabalhos em grupos, e assim por diante. Além disso, a disposição da mobília e as condições ambientais da classe (acústica, temperatura, insolação, ventilação, luminosidade) podem refletir-se em fatores tão diversos quanto a sociabilidade dos usuários, seu desempenho acadêmico (SOMMER, 1973).

Referindo-se ao contexto sócio-cultural dos centros urbanos brasileiros, Garcia (1996, p. 25-26), argumenta que neles as crianças de hoje enfrentam um quadro de carências múltiplas, cujos tipos de privação podem ser:

- sócio-econômico;
- sócio-afetivo (tanto pela convivência com a família de poucos filhos, quanto pela desestruturação familiar);
- de espaço físico (diminuição do espaço da habitação e do contato com a rua);
- de tempo livre (nas classes mais favorecidas seu tempo é tomado por atividades didáticas e formação complementar, e naquelas menos favorecidas pela participação no mercado de trabalho);
- da natureza (contato com elementos naturais como água, terra, plantas e animais).

Mais do que base física, a partir e por meio da qual a pessoa recebe informações (visuais, táteis, térmicas, auditivas e/ou olfativo-gustativas), o ambiente também é um agente presente na vivência humana. De fato, grande parte do comportamento do indivíduo envolve a interação com e no espaço. É nesse meio que, ao estender a mão em busca do objeto, a criança adquire a noção de distância;

é nele que exercita o seu domínio, equilibra-se, caminha e corre. É num espaço físico que a criança estabelece a relação com o mundo e com as pessoas (LIMA, 1989, p. 13).

Segundo Lima (1989), nesse sentido, devido ao seu importante papel na formação infantil, a escola é considerada um dos principais elementos do ambiente social da criança. É o conjunto de espaços onde ela interage, cujo apego e apropriação são facilitados pela familiaridade.

Outro fator importante a ser considerado é o componente arquitetônico do prédio, que vem sendo visto mais como uma contingência, como uma necessidade de delimitar um espaço reservado para a educação, do que como um fator de peso nas relações que vão se estabelecer nesse espaço (FRANÇA, 1994, p. 98).

Não podemos deixar de lembrar que a questão do espaço físico assume ainda maior importância ao verificar-se que muitas crianças moram em apartamentos, de maneira que o tempo passado na escola acaba sendo o único em que lhes é possível ficar ao ar livre, movimentar-se, pegar em areia, sujar-se, ver as plantas crescerem.

2.6 A Importância do Brincar

Já que muitas vezes a escola acaba sendo um dos poucos lugares onde a criança pode brincar, não podemos deixar de falar da importância do brincar na Educação Infantil. O brincar não é apenas um simples ato de brincar, requer envolvimento emocional, contato social, ações físicas, além de relações cognitivas

na expressão e apreensão das regras da brincadeira (LIMA, 1989; WALLON, 1966; VYGOTSKI, 1988).

Nessas situações de brincar o movimento não pode ser relacionado à bagunça. Ao professor cabe associar essas atividades com elementos significativos para construção de conhecimento. Por que não aprender brincando? A relação espaço-objeto-usuário vai estimular e orientar a criança, facilitando a exploração do novo, do desconhecido.

Se as escolas infantis são carentes de brinquedos e materiais pedagógicos, cabe questionar se os cursos de formação inicial e continuada têm incluído em seus currículos a temática do brincar como parte da formação profissional. A presença, nos currículos, de referenciais teóricos que analisam o brincar não é suficiente para alterar a prática pedagógica (SCHÖN, 1990; ZEICHNER, 1993). É necessário analisar o cotidiano dentro de uma pedagogia crítica e **ultrapassá-la**, buscando uma pedagogia transformadora.

O espaço para brincar na Educação Infantil tende a valorizar a expressão e a socialização. Com apoio da família e da comunidade, dentro de uma política pública que sustente essa perspectiva. Tais orientações podem moldar o projeto pedagógico, gerando espaços para a estruturação de ambientes, no qual o brincar pode ter lugar concomitante a outros, necessários para a educação da criança pequena.

2.7 Interdisciplinaridade e os Temas Transversais

Embora os temas transversais apareçam nos Parâmetros Curriculares Nacionais para o Ensino Fundamental, são importantes e também devem ser trabalhados na Educação Infantil. Dizem respeito à ética, ao meio ambiente, à saúde, educação sexual e pluralidade cultural. Como o nome mesmo diz, eles atravessam as diversas disciplinas. Assim, quando o professor estiver trabalhando algum conteúdo, ele deve se preocupar com o impacto que certos fatos estão causando na formação de conceitos de pluralidade cultural e ética, como discriminação, cooperação e solidariedade.

A importância que a abordagem da transversalidade e da interdisciplinaridade tem para a educação, a meu ver, é grande. Deixamos de ver a escola apenas como conteudistas, preocupada em despejar sobre a criança informações demasiadas, mas como agente formador de um ser pleno, capaz de usar estas informações para viver.

3 . EDUCAÇÃO INFANTIL E PARTICIPAÇÃO DOS PAIS: UM ESTUDO COM MÃES E DIRETORAS

3.1 A PARTICIPAÇÃO DOS PAIS

A escola de Educação Infantil deve ser um ambiente que permita à criança interagir com signos, ampliar os seus conhecimentos, ter convivência com seus pares em situações diversas, possibilitando ampliar seu conhecimento. Dessa forma, criar condições, ambientes e atividades favoráveis para o desenvolvimento da criança é um dos objetivos (e desejos) comuns às instituições, uma vez que a família e a escola dividem e partilham suas responsabilidades no que diz respeito à educação e à socialização das crianças.

O contato que a criança vai ter com a professora que é especialista, com os locais e materiais que correspondam a seus desejos e necessidades, sem dúvida, vai colaborar para seu desenvolvimento cognitivo e social da criança. O envolvimento da família também vai contribuir na construção desse processo.

A importância do envolvimento de pais nesta fase é, então, auto-explicativa: família e escola, juntas, podem promover situações complementares e significativas de aprendizagem e convivência que, realmente, vão ao encontro das necessidades e demandas das crianças e das duas instituições: escola e família. Apesar de haver diferenças distintas entre as obrigações da família e da escola, há também responsabilidades e objetivos comuns entre elas (HADDAD, 1987).

O diálogo entre a escola e a família tende a colaborar para o desempenho da criança escolar. Pretendendo-se democrática, a escola deve considerar a cultura, a realidade, o contexto social de seus alunos, necessitando de um permanente diálogo com o grupo social a que essas crianças pertencem.

Haddad (1987) coloca a relação entre a creche e a família dentro da mesma perspectiva. A luta dos pais geralmente passa por níveis estruturais representados por Associações de Pais e Mestres, Colegiados e Conselho de Escola, com o objetivo de garantir aos seus filhos o mínimo necessário para a continuidade de escolarização mas, embora tenham essas oportunidades, não estão especialmente preocupados com o processo educativo em si.

Zanella (1997) defende que a participação dos pais significa visualizar a escola como um espaço democrático em que as pessoas possam exercer sua cidadania (p.145). Apesar de a participação dos pais nesses movimentos incluir um número grande de adeptos, ela reduz o seu número aos pais que realmente se envolvem com as questões da creche / escola. Desta forma, é direito dos pais terem a possibilidade de se envolver, também, com o processo ensino-aprendizagem, além do direito de voto e de um espaço para expressarem suas opiniões, colocarem suas demandas.

Individualmente, a criança cujos pais ou membros da família participam da escola, sentindo que isso é importante para eles, empenha-se nas atividades, o que vem a facilitar seu processo de aprendizagem. Davies (1993) aponta que as crianças, cujos pais são presentes na sua vida escolar e mantêm contatos com a escola, “alcançam melhores resultados que outras aptidões em meio familiar idêntico, mas sem envolvimento parental”.

Outro fator importante a ser comentado é que os aspectos psicológicos da família influenciam na educação escolar dos filhos, ou seja, os filhos vivem os reflexos negativos e positivos do contexto familiar, internalizam conforme o modelo recebido, e esses modelos parecem possuir um peso considerável no contexto escolar.

“A construção da parceria enquanto uma relação de cooperação entre as instituições família e escola, implica colocar-se uma no lugar da outra e não apenas na troca de idéias ou favores e, muito menos, deixar acontecer uma intromissão das famílias no trabalho do educador”.¹ O propósito é que essa parceria se constitua através de uma intervenção planejada e consciente, em que a escola possa criar espaços de reflexão e de experiências de vida numa comunidade educativa, estabelecendo, acima de tudo, a aproximação entre as duas instituições. A escola é um local privilegiado para o trabalho educativo. Nela, a equipe técnico-pedagógica deve dispor de recursos para auxiliar na formação do aluno, tornando-o cidadão do mundo, porém tal tarefa, pela sua complexidade, deve ser realizada em parcerias com a família e a comunidade em que a escola está inserida.

Reforça-se, portanto, a necessidade de os educadores dispensarem alguns momentos para construírem essa relação, pois a família exerce, e não pode eximir-se disso, um papel importante e fundamental no processo de formação da criança, assim como “a escola e a sociedade em geral, devem estar atentas em possibilitar oportunidades para o desenvolvimento pleno da criança”.²

¹ Aquino, Julio Groppa. Diálogos com educadores. O cotidiano escolar interrogado. São Paulo: Moderna, 2002. p. 22.

3.2 Um Estudo sobre a Participação dos Pais / Mães em Escolas de Sorocaba

OBJETIVOS

Esta pesquisa busca entender o contexto da participação dos pais na Educação Infantil da rede Municipal da cidade de Sorocaba e, para tanto, pretende:

1º) Identificar as ações planejadas pelas escolas municipais contidas no Ideário (Anexo A) e no Projeto Político Pedagógico (Anexo B);

2º) Verificar como as ações acontecem no cotidiano, na opinião dos diretores da escola e também de mães das crianças que freqüentam a unidade escolar.

PROCEDIMENTO

Em um primeiro momento, foi realizado um levantamento junto à Secretaria de Educação de Sorocaba, em busca de documentos sobre a Educação Infantil, políticas, histórico, o projeto político pedagógico. No entanto, como cada escola tem o seu projeto, entramos em contato com duas diretoras de escolas de Educação Infantil para verificar o Ideário e o Projeto Político Pedagógico, obtendo então alguns dados oficiais.

Num segundo momento da pesquisa, foi elaborado um roteiro de entrevistas, e em contato pessoal com as citadas diretoras de escola Educação Infantil da rede municipal de Sorocaba, uma localizada na Zona Norte e outra em um bairro mais central, foi esclarecido sobre os objetivos da pesquisa e solicitada a permissão para entrevistas com elas e com alguns pais de alunos que freqüentam aquelas escolas, a fim de colher mais informações sobre a participação da família na vida escolar.

² MACEDO, Lino de / Beate Althuon. Reunião de Pais: sofrimento ou prazer? São Paulo: Casa do

Com o consentimento obtido, foram realizadas as entrevistas e solicitados o Ideário e o Projeto Político Pedagógico para análise. Os dados coletados foram organizados e apresentados seguindo uma análise do ideário, do Projeto Político Pedagógico e os dados de entrevistas.

RESULTADOS

Atualmente a Secretária de Educação da cidade de Sorocaba administra todas as atividades educacionais a cargo do município, no âmbito de ensino pré-escolar, fundamental, médio, supletivo e especial.

No site da Prefeitura (www.sorocaba.sp.gov.br) o atual prefeito da cidade de Sorocaba, Dr. Vítor Lippi coloca: *“Educar é assumir a responsabilidade social, solidarizar-se com a ética, comprometer-se com a informação e com a formação de valores de cidadania do aluno e de sua comunidade. Educar é estar comprometido com a transformação da sociedade, é lutar para que o futuro seja mais justo e melhor”. E ainda; “Num mundo marcado pelas diferenças de oportunidade e pelas desigualdades, tem o educador a maior e mais importante chance de transformação social”.*

No primeiro semestre de 2005, a prefeitura de Sorocaba, registrou matrículas num total de 20.689 alunos em educação infantil, nos regimes integral e parcial, (tabela 1) com a ressalva de que os alunos de educação infantil têm rotatividade tanto de unidades, mudando de escola e de período, e às vezes de cidade. Portanto, esses números podem sofrer alterações ao longo do ano. Consideramos, então, um número estimado de alunos. Quanto à quantidade de escolas (Anexo C),

foram contabilizadas 84, sendo que três delas trabalham com alunos de 1ª a 4ª série, mas atendem também a última fase da educação infantil, com crianças de 4 a 6 anos.

Segundo a Secretária da Educação de Sorocaba, o município atende 100% das crianças que estão na última fase da Educação Infantil.

Tabela 1: Número de alunos e escolas de Educação Infantil em Sorocaba

2005	Horário Integral Creches (0 a 3 anos)	Horário Parcial CEI (4 a 6 anos)	Total de alunos Ed. Infantil
Número aproximado de alunos matriculados	4.627	16.062	20.689
Quantidade de escolas	34	84	118

Fonte: Secretaria de Educação e Cultura de Sorocaba / Maio – 2005

Para atender a essa demanda, a rede municipal tem uma equipe de professores que são coordenados por diretores e, estes, por seus supervisores.

Ideário - Análise

Existe na Secretaria, um “Ideário” que é a proposta pedagógica da Educação Infantil em Sorocaba. Nesse documento, estão estabelecidas as Diretrizes Pedagógicas da Secretaria da Educação de Sorocaba, a qual visa oferecer uma “Educação de Qualidade para Todos”. Para tanto, pretende oferecer um ensino democrático, dando garantia de ensino, permanência na escola e atividades que sejam prazerosas, para ajudar a formar cidadãos autônomos e criativos.

A educação construtivista / interacionista é assumida como linha pedagógica, considerada uma educação em que o aluno vai interagir com o meio e com ações pedagógicas significativas para o seu desenvolvimento. Além disso, o indivíduo deve ser respeitado e visto como um ser talentoso, mesmo sendo ele portador de alguma deficiência física ou diferente, envolvendo cultura, raça ou religião. Para que tudo isso seja cumprido,

os professores recebem aprimoramentos em cursos e palestras, desenvolvidos pela Secretaria da Educação, de acordo com as suas necessidades.

O Ideário ressalta ainda a participação democrática, colocando que tanto a escola como a comunidade devem:

- 1) Preparar as atividades pedagógicas em conjunto;
- 2) Propor ações dos colegiados como:
 - Conselho de Escola;
 - APM (Associações de Pais e Mestres);
 - Grêmio estudantil.
- 3) Elaborar o Regimento Escolar (diretrizes e normas de cada unidade escolar);
- 4) Elaborar o Plano de Gestão (proposta pedagógica de acordo com o Regimento Escolar).

Ao analisar o Ideário, podemos perceber que apresenta entre seus objetivos a participação dos pais, sem identificar ou definir ações pedagógicas, apenas ressaltando a Associação de Pais e Mestres e Gestão democrática, como vias para essa participação.

Projeto Político Pedagógico - análise

“O projeto Político Pedagógico busca um rumo, uma direção. É uma ação intencional, com um sentido explícito, com um compromisso definido coletivamente. Por isso, todo Projeto Pedagógico da escola é também, um projeto político por estar intimamente articulado ao compromisso sócio-político e com os interesses reais e coletivos da população majoritária”. (Veiga, 1995).

Nas escolas de Educação Infantil de Sorocaba o Projeto Político Pedagógico é elaborado de acordo com o Ideário (visto anteriormente), que é o seu princípio básico.

Cada escola tem a sua Equipe, composta pelas professoras, funcionários (diretora, serventes e merendeiras) e pelos pais que fazem parte do Conselho da Escola e no caso da Educação Infantil existe a APM, a Associação de Pais e Mestres conhecida em todo o Estado. São essas pessoas que elaboram o Projeto Político Pedagógico em suas escolas.

No final de cada ano, o documento é enviado para a Secretaria da Educação e analisado pela supervisora responsável pela escola e, a cada ano, o Projeto Político Pedagógico deve ser reformulado, de acordo com as solicitações feitas pela supervisora de ensino a quem foram encaminhados os projetos.

O Projeto Político Pedagógico das escolas da rede municipal da cidade de Sorocaba segue um padrão que deve conter:

- a biografia da pessoa da qual a escola leva o nome;
- um breve histórico da escola onde constem a data da inauguração, o nome da diretora da época, o nome do prefeito em exercício, a localização da escola, o horário de funcionamento da unidade, as fases e idades que atende;
- a situação atual de cada escola, num relatório em que estejam nominados todos os objetos e mobiliários que fazem parte da escola, bem como a quantidade de profissionais, a função de cada um deles, a estrutura física e maneira como ocorre administração e gestão financeira;
- a vocação da escola;
- a missão de cada escola;

Pela análise feita, na vocação de um Projeto Pedagógico, o objetivo maior “é formar cidadãos conscientes de seus direitos e deveres através de vivências e experiências cotidianas, construindo assim conhecimentos e aplicando-os nas relações humanas sociais e ambientais, em busca de uma melhor qualidade de vida Homem / Mundo. Buscamos uma educação de qualidade para todos e que promova o seu crescimento em relação à compreensão do mundo e de si; acreditamos em seres plenos, autônomos, capazes de transformar o mundo”.

Em relação à missão da escola, encontramos como meta a ser atingida:

- *“Proporcionar conhecimentos com prazer para os alunos;*
- *Promover o crescimento de todos junto à comunidade oferecendo esporte, saúde cultura, lazer e educação;*
- *Conscientizar as famílias da importância de sua participação na escola;*
- *Solucionar problemas com a participação de todos”.*

Entrevistas com secretaria da educação, diretoras e mães - Análise

Com objetivo de verificar a participação dos pais de acordo com diretoras de escolas e os próprios pais, foram realizadas entrevistas semi-estruturadas, com as diretoras (Anexo D) e duas escolas de Educação Infantil, da rede municipal de Sorocaba e com duas mães (Anexo E) de cada escola. As escolas escolhidas estão localizadas em diferentes setores da cidade: uma na Zona Norte, com a população do bairro considerada carente; e a outra na Além Linha, pertence a uma região cuja população tem maior poder aquisitivo.

As entrevistas foram transcritas e as respostas analisadas buscando as ações de participação dos pais na escola.

Segundo as entrevistas com as diretoras, para que ocorra uma tentativa de elaboração de um currículo mais próximo possível da realidade de seus alunos, no início de cada ano, cada escola antes de elaborar o seu Projeto Político Pedagógico, envia um questionário (Anexo F), que os pais devem preencher, respondendo as perguntas, e devolver para a escola. Isto é uma forma de diagnosticar / conhecer a sua clientela, para melhor poder trabalhá-la.

Em relação à parte pedagógica, principalmente no que diz respeito ao desempenho dos alunos no processo de ensino aprendizagem, segundo entrevistas com as diretoras, é feita uma análise do aproveitamento de cada aluno e depois os pais ou responsáveis são comunicados sobre o desenvolvimento da criança. Isso, normalmente, ocorre nas reuniões pedagógicas, e quando o responsável não comparece é agendado um horário para que a professora tenha condições de comunicar-lhe sobre o desempenho de seu filho.

Ainda no projeto, consta que a avaliação deve acontecer durante todo o processo de aprendizagem e nas situações mais diversas possíveis. As diretoras relatam que os pais vão para a reunião, por interesse maior dessas avaliações, do que no aproveitamento da criança. No entanto, o sucesso de uma boa reunião de pais concentra-se no próprio professor, pois ele tem condições de fazer com que aquele encontro seja, de fato, um momento democrático para os pais, possibilitando-lhes perceber a importância de participar na vida escolar de seus filhos.

Para isso, “o professor deverá ter um bom relacionamento com os pais, e planejar a sua reunião de forma flexível para que aqueles tenham condições de levantar questões, sem constranger-se diante do educador. Interessante, também, algumas vezes possibilitar aos pais a escolha do tema, e sempre procurar ter

conhecimento do grupo com que está trabalhando”.³ A reunião nunca poderá ser imposta, pois seria um processo meramente informativo e burocrático, o que absolutamente atrairia para um próximo encontro.

“O professor deve procurar conhecer os pais na comunidade, ou mesmo na situação escolar, e nunca exigir deles um posicionamento em temas teóricos e abstratos, pois isso abalaria o envolvimento em relação à vida escolar de seus filhos”,⁴ fazendo-os sentirem-se pouco à vontade no ambiente que deve ser convidativo, claro e objetivo em suas colocações e conceitos

O próprio termo reunião é um tanto informal. Por isso o professor poderá desenvolver dinâmicas que deixem os pais mais à vontade no momento da reunião, com o propósito de que tenham mais aproveitamento e envolvimento desse momento tão importante, que é a vida escolar de seus filhos.

Segundo (entrevista com) a Secretária da Educação, a escola cria condições para a participação dos pais, por meio de festas, reuniões, palestras, e outras situações para o acompanhamento do dia-a-dia da escola, mas depende do interesse individual dos pais participarem mais ou menos dessas atividades. Ela admite, no entanto, que tal participação ainda é pequena, mas poderia ser melhor, devendo-se implementar ações para tanto.

Outras ações relativas a essa participação dependem apenas da escola, que deve desenvolvê-las. Para que a escola seja de fato um espaço democrático e não se limite a reproduzir a realidade sócio-econômica em que está inserida, deve-se criar um espaço para a participação e reflexão coletiva sobre o seu papel junto à comunidade, atuando frente às profundas desigualdades sócio-econômicas. Ela

³ BEATE, Althuon, ESSLE, Corina H. e STOEBER, Isa S. Reunião de pais: sofrimento ou prazer? São Paulo: Casa do Psicólogo, 1996. p. 20.

⁴ Idem, ibidem. p. 44 e 45.

deve modificar a sua prática que, muitas vezes, fica fragmentada e individualizada, reflexo da divisão social da própria comunidade. No entanto, na escola, todas as famílias devem ter os mesmos direitos, independentemente de sua condição social.

Ao analisar a missão e outras propostas descritas no Projeto Político Pedagógico das escolas de Educação Infantil em Sorocaba, chegamos a algumas constatações que exigem novo olhar em relação à proposta e aquilo que realmente acontece nas escolas. Assim, estando colocado que o conhecimento com prazer facilita o aprendizado, e que grande parte desse conhecimento na educação infantil depende das oportunidades que o ambiente proporciona para as interações significativas, a estrutura física da escola é de suma importância para seu bom resultado. Algumas escolas de Educação Infantil da rede Municipal de Sorocaba precisam trabalhar com o rodízio de salas, devido à falta de espaço para acomodar todos os alunos.

Em relação à participação dos pais, o que foi possível entender dos relatos das diretoras, ela acontece, com maior frequência, em reuniões, ou seja, quando a escola os convida oficialmente. Os pais podem comparecer, também, quando são agendados individualmente, mas nos dois casos, o interesse centra-se apenas na discussão do desempenho acadêmico.

Outro tipo de participação, citado pelas diretoras, foi por meio da Associação de pais e Mestres, de cujo Conselho fazem parte pais interessados na elaboração do Projeto Político Pedagógico, o que não deixa de ser, também, uma situação oficial, ficando a dúvida sobre existirem outras formas de criar um ambiente para participação espontânea da família na escola.

Nas entrevistas com as diretoras, foram relatadas palestras como forma de conscientização dos pais; porém, quanto às entrevistas com os pais, eles colocam

essas palestras como só para os filhos. Outra forma de participação citada foi a exposição de atividades desenvolvidas pelos filhos, porém elas não aparecem nos relatos das mães. As diretoras ressaltam que a participação dos pais depende muito da relação que eles têm com a professora, embora as salas com crianças menores apresentem maior participação dos pais do que em outra fase, mas, ainda assim depende do professor, despertar esse interesse.

A participação da família na escola foi descrita pelas diretoras, principalmente com relação à reunião. Como justificativa para a pouca participação dos pais, foi relacionada a carência do bairro, sem menção a possíveis carências da escola, do ambiente ou do entendimento pela escola do que seria a participação dos pais.

Na entrevistas com as mães, não foram mencionadas participações espontâneas ou outras ações pedagógicas que facilitassem a entrada dos pais para atividades diferentes daquelas do relato da situação do filho na escola.

As mães de ambas as escolas, relataram que participam das reuniões de pais, e festas. No entanto, sobre as palestras citadas pela secretária e diretoras, elas disseram que eram só para os alunos, não tendo sido convidados os pais. Quanto ao significado que a participação tem para os pais, elas relataram que participar é acompanhar o desenvolvimento do filho na escola, saber o que acontece, não é para dar palpite, mas saber como o filho está para poder ajudar em casa.

As respostas dos pais apontam para uma participação individual, que realmente depende do interesse de cada pai; não foram citadas ações que propiciam a democracia, com preocupações coletivas, por exemplo, de melhoria dos materiais disponíveis para atividades físicas e de lazer, que seria bom para todos da escola e não apenas para o próprio filho.

Aparentemente, ainda existe uma dificuldade em entender o que realmente significa participação de pais. Ao encerrar um levantamento outras questões são colocadas: será que essa participação não deveria envolver mais pais / família? A escola poderia propor mais atividades (ações) para que a comunidade se envolvesse e participasse mais? O que está sendo proposto hoje é suficiente para conscientizar as famílias da importância de sua participação na escola? O que significa conscientizar os pais de sua participação, sem criar ambiente para que essa participação seja vivida?

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa procurou mostrar qual é a participação dos pais em duas escolas de Educação Infantil da rede municipal, freqüentadas por seus filhos, na cidade de Sorocaba.

Como visto, o surgimento da escola de Educação Infantil no Brasil tornou-se uma necessidade, a partir do aproveitamento da mão-de-obra feminina e em algumas indústrias, sendo necessário priorizar uma estratégia para resolver o problema dos pais que trabalhavam fora e não tinham onde deixar os filhos. É bom ressaltar que, na época, o objetivo não era melhorar as condições do desenvolvimento infantil, mas, apenas dar assistência às crianças pequeninas, enquanto suas mães estavam no trabalho.

Sabemos que, hoje, os pais colocam as crianças em escolas de Educação Infantil, não só para receber atendimento assistencialista, mas já com a preocupação de que a criança receba uma educação formal, junto ao fato de estar atendida e protegida. Sabemos, também, que a educação só é completa quando há a participação da família neste processo. Para isso, a escola deve dar abertura e propor ações pedagógicas pertinentes, que favoreçam tal participação familiar. Como dizem Montandon e Perrenoud (1987:7), de uma maneira ou de outra, onipresente ou discreta, agradável ou ameaçadora, a escola faz parte da vida cotidiana de cada família. Porém a forma e a intensidade das relações entre escolas e famílias variam enormemente, estando relacionadas aos mais diversos fatores como: estruturação familiar, classe social, ocupação dos pais, etc.

Em dados oficiais sobre ações deliberadas para a participação da família na escola, o governo do Estado de São Paulo propõe o Programa Escola da Família.

Segundo a secretaria de Governo Estadual, essa foi uma iniciativa que une 6 mil profissionais da educação, 25 mil estudantes universitários e milhares de voluntários para criar uma cultura de paz, despertar potencialidade e desenvolver hábitos saudáveis junto aos mais de 7 milhões de jovens que vivem no Estado de São Paulo. O objetivo desse Programa é a abertura das escolas nos finais de semana, que chega a quase 6 mil escolas da Rede Estadual de Ensino, transformando-as em centro de convivência. As atividades são desenvolvidas aos sábados e domingos, das 9h às 17h e são voltadas para às áreas de:

- Esportes: jogos pré-desportivos, jogos populares, brincadeiras, atletismo, esportes coletivos, ginásticas, artes marciais...
- Cultura: música, teatro, artes plásticas, danças, gincanas, feiras, leitura, filmes...
- Saúde: são oferecidas palestras com temas variados como: planejamento familiar, prevenção ao uso de drogas, primeiros socorros...
- Qualificação para o trabalho: cursos de informática, idiomas, marcenaria, confeitaria, culinária, cerâmica, pintura...

No site da Escola da Família (www.escoladafamilia.sp.gov) o governador de Estado de São Paulo, Geraldo Alckmin, coloca que *“Na informalidade da vivência cultural e da prática esportiva, o Programa aproxima ainda mais professores, trazendo igualmente a comunidade para dentro da escola”*.

Mas será que tal programa envolve a família, ou só a criança ou o adolescente participam? Como os professores se sentem com relação a essa atividade nos finais de semana? Enfim são tantas as questões que com certeza será motivo de pesquisa, porém esta presente dissertação tem seu foco escolas municipais de Sorocaba, e a participação da família na Educação Infantil.

O objetivo desta pesquisa foi verificar até que ponto a rede municipal de ensino assume que é democrática. Isso foi concluído mediante análises feitas sobre alguns documentos, entrevista com a Secretária Municipal da cidade e com duas diretoras de duas escolas assumindo ser democrática. No Ideário, que é um dos documentos desse projeto, consta que um dos objetivos da Educação Infantil é colocar discussões entre os profissionais da escola e família sobre determinados assuntos, a fim de proporcionar a formação plena da criança.

Segundo Zagury (2005) a participação dos pais sem dúvida ajuda no processo pedagógico, se for feita de um modo que não traga insegurança para seus filhos. “Não se trata de uma guerra entre pais e professores, e sim uma união em prol de propósitos comuns”.

Segundo Aquino,

...a idéia de democracia social não pode estar pautada na premissa de igualdade direta, mas na de equidade. Ou seja, todos temos direito à igualdade, desde que resguardadas nossas diferenças. Democracia é um sistema de governo possível e viável na esfera política, tanto que hoje temos uma democracia bastante sólida no país. Só que democracia social é uma forma de organização da vida social muito mais complexa, já que não adianta baixar decreto para que as pessoas sejam democráticas umas com as outras. A luta pela democracia faz-se no dia-a-dia por parte das pessoas comuns, cujas relações são marcadas pelo princípio da assimetria. Eu não sou igual ao meu médico quando vou consultar-me, tão pouco quero ser igual a ele. Isso porque existe uma assimetria radical e necessária entre médico e paciente, entre professor e aluno, entre pai e filho. (2002 p. 146)

Com isso podemos entender a democracia com equidade na escola, pois considera as diferenças e a assimetria professor / aluno, família / escola, que são importantes no processo democrático social. Deve-se existir o respeito mútuo e o diálogo necessário.

Anexo A: Ideário



PREFEITURA MUNICIPAL DE SOROCABA
SECRETARIA DA EDUCAÇÃO E CULTURA

DIRETRIZES PEDAGÓGICAS DA SECRETARIA DA EDUCAÇÃO E CULTURA PARA A GESTÃO DEMOCRÁTICA DA ESCOLA

Ideário

As Diretrizes Pedagógicas da Secretaria da Educação e Cultura de Sorocaba estão baseadas nos Princípios e Fins da Educação Nacional estabelecidos pela Lei 9394/96 Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Nossa Secretaria visa oferecer uma "Educação de Qualidade para Todos". Para isso é necessário democratizar o ensino. É preciso garantir não só que todas as crianças vão à escola, permaneçam nela, mas também aprendam, com vontade e prazer de aprender.

Qual o objetivo deste ensino? Acumular conhecimentos úteis? Aprender a aprender? Aprender a inovar, a produzir um novo em qualquer tempo, tanto quanto no saber? Aprender a controlar, a verificar ou simplesmente a repetir? (Piaget – 1972).

A Educação é uma iniciação à crítica, a interpretação e a transformação do mundo, inovando-o. De acordo com o pensamento de Piaget, o objetivo principal da Educação é contribuir para a formação de homens capazes de criar coisas novas e não meros repetidores daquilo que outras gerações fizeram, promovendo assim a autonomia.

Perseguimos uma Educação Humanista, que vê o Ser Humano como um ser "integral", "pleno", que se transforma a partir do que é seu, sua vocação. Um ser criativo, inventivo, descobridor, participativo, que possui corpo, alma, consciência e essência.

A solidariedade, a cooperação, a criatividade e o amor deverá prevalecer na Educação, formando este ser. Pois... "educar significa ajudar a acordar, ajudar a encontrar no próprio ser o ímpeto, a saudade, a vontade de agir, buscar e descobrir, de crescer, e de progredir. Educar significa também, 'aprender a ensinar a lutar, aprender a ensinar a intensificar a existência e a cumpri-la com decisão e consciência..." (Saltini, 1980).

Defendemos uma educação construtivista/interacionista a que considera a interação pessoa/meio e a valorização dos papéis sociais, ações pedagógicas significativas ao aluno, contextualizadas à sua realidade.

Uma educação que preconizá um ensino escolar que se adapta às exigências curriculares, às características e peculiaridades do processo educativo de seus alunos e constitui uma opção educacional que se ajusta aos requisitos de uma escolarização inclusiva.

Entendemos como "Educação Inclusiva", aquela que suscita uma reflexão total de quem somos, da nossa essência e do nosso propósito de vivermos plenamente com nossos semelhantes. Cada vez mais os profissionais em nossa rede municipal de ensino e na comunidade como um todo, percebem pela vivência o quanto precisamos respeitar o SER, cada qual com suas características, valorizando e transformando o meio escolar para que este seja o mais favorável possível, nos tomando seres mais tolerantes e plenos.

A Educação Inclusiva não se refere apenas aos alunos portadores de deficiências. É um conceito mais amplo que inclui o respeito às diferenças físicas, culturais, raciais, religiosas, políticas, sociais, vendo o indivíduo como um ser pleno com talentos a serem desenvolvidos



PREFEITURA MUNICIPAL DE SOROCABA
SECRETARIA DA EDUCAÇÃO E CULTURA

Sabemos que este trabalho exige da escola novos posicionamentos diante do processo ensino-aprendizagem, à luz de concepções e práticas pedagógicas mais evoluídas, sendo necessário uma mudança de atitude face à elaboração dos objetivos, das metodologias e das avaliações dos alunos.

Para que isso ocorra a Secretaria da Educação e Cultura dará continuidade ao Programa de Aprimoramento aos Professores e Especialistas, observando-se as necessidades das unidades escolares dos professores, as quais deverão ser encaminhadas à esta Secretaria para sua operacionalização.

Pretendemos oferecer através de um trabalho conjunto SEC-Escola-Comunidade uma "Educação de Qualidade para Todos", embasada numa perspectiva humanista de valorização do "ser". Respeitar as diferenças e não convertê-las em desigualdades, não as transformando em obstáculos e sim, num fator de enriquecimento. Confirma-se na realização de uma gestão democrática, que acredita que todos juntos têm mais oportunidades de encontrar caminhos para atender às expectativas da sociedade a respeito da escola. Ampliando o número de pessoas que participam da vida escolar, é possível estabelecer relações mais flexíveis, humanas e menos autoritárias, menos distantes entre educadores e alunos.

Quando se concretiza a gestão democrática, as respostas adequadas para lidar com as pessoas diferentes e idéias divergentes surgem do cotidiano, da convivência. As respostas surgem porque o que fica no foco da atenção do grupo, é um problema de todos.

Para a consolidação da gestão democrática a equipe escolar e a comunidade devem:

- 1- Elaborar a proposta pedagógica, num esforço conjunto para:
 - analisar a situação da escola e apontar as necessidades.
 - estabelecer a linha geral da proposta, definindo aquilo que se pretende atingir.
 - elaborar novas formas de ações pedagógicas que permitirão atingir os objetivos propostos.
 - estabelecer o processo de acompanhamento e avaliação da proposta.

Para isso será necessário inserir na proposta pedagógica, estratégias inovadoras na condução das aulas e formas de avaliação dos alunos, coerentes aos objetivos para que os professores promovam, um trabalho prazeroso para si e para o alunado. Nesse aspecto avulta a importância de um trabalho interdisciplinar, no qual os discentes sintam a unidade do conhecimento.

- 2- Estabelecer ação dos colegiados (Conselho de Escola e Conselho de Classe) e Instituições Escolares (Associação de Pais e Mestres, Grêmios Estudantil), visando ampliar a participação da comunidade escolar nas decisões tomadas no âmbito escolar.

- 3- Elaborar o Regimento Escolar (ato administrativo e normativo). Através deste serão estabelecidas as diretrizes e normas para o funcionamento das unidades escolares.

- 4- Elaborar o Plano de Gestão (Plano Escolar) para operacionalizar:
 - a proposta pedagógica
 - as medidas previstas de forma genérica no Regimento Escolar.



PREFEITURA MUNICIPAL DE SOROCABA

SECRETARIA DA EDUCAÇÃO E CULTURA

OBJETIVOS DOS NÍVEIS ESCOLARES

Da Educação Infantil

A Educação Infantil deve observar as finalidades estabelecidas pela Lei 9394/96 e além dessas, os Centros de Educação Infantil têm como objetivo, tornar acessível a todas as crianças, indiscriminadamente, aspectos da cultura que são fundamentais para seu desenvolvimento e inserção social. Cumpre um papel socializador e formador propiciando o desenvolvimento integral da criança, através de uma aprendizagem ativa, cooperativa, participativa e plena.

As capacidades específicas de pensar, assim como, de relacionar-se e de expressar-se nas diferentes linguagens emocionais e simbólicas podem, através do ensino, serem cultivadas e desenvolvidas em cada criança, sem discriminação de espécie alguma, através de ações intencionais que tenham por fim desenvolver e favorecer a formação do ser integral.

O papel do ensino é fundamental, pois define uma direção para as aprendizagens e seleciona conceitos, procedimentos e valores com vistas à formação da criança. Deve oferecer situações próximas às práticas reais que demandam solução e impulsionam o desenvolvimento infantil.

É função da escola, portanto criar condições para desenvolver as capacidades de convivência de seus alunos de estar com os outros em uma atitude básica de aceitação e auto aceitação, de respeito e auto respeito, de confiança e auto confiança que permitirão o acesso simultâneo dos conhecimentos mais amplos da realidade social e cultural pelas crianças. Esta dinâmica permitirá encaminhar as aprendizagens rumo a um crescimento autônomo com outras crianças em diferentes contextos. (Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil – Documento Introdutório – 1998).

"A criança deseja e necessita ser amada, aceita, acolhida e ouvida para que possa despertar para a vida da curiosidade e do aprendizado". (Saltini – 1997).

"O papel do mestre deve ser o de incitar à pesquisa, de fazer tomar consciência dos problemas, e não o de ditar a verdade. De fato, é preciso não esquecer que uma verdade imposta deixa de ser uma verdade: compreender é inventar ou reinventar e "dar uma lição" prematuramente é impedir a criança de encontrar ou redescobrir as soluções por si mesmo" (Piaget – 1972).

"A escola não deve esperar que as crianças façam tudo o que querem, mas que elas queiram tudo o que fazem e que ajam e não sejam forçadas à ação (...). O que se deve fazer é explorar seus interesses, ligar a eles, isto é, à sua vida o que se deseja ensinar. A didática deve transformar os fins futuros a que visam os programas escolares em interesses presentes para a criança". (Claparède – 1954).

A Educação Infantil deve, por fim, estar comprometida com os princípios democráticos e a formação da cidadania, cumprindo a tarefa de incitar discussões entre seus profissionais e as famílias sobre determinadas questões da realidade sócio cultural brasileira, tais como a pluralidade cultural e a discriminação a que grande parte da população está sujeita; as questões éticas, como: a dignidade do ser humano, a solidariedade, o respeito ao outro e a si próprio, a igualdade e a equidade; a possibilidade da promoção da saúde, a preservação ambiental; a sexualidade. Isso significa que as escolas de Educação Infantil estão comprometidas simultaneamente com a formação plena de cada criança e cada profissional, assim como, tem a responsabilidade educacional com o contexto social e cultural na qual elas estão inseridas.

DIAGNÓSTICO DA ESCOLA

Diante da necessidade de fazermos um diagnóstico da escola, buscamos registros da situação em anos anteriores, conversamos e colocamos as experiências e vivências de cada professor em relação à comunidade e à clientela e elaboramos um questionário que foi entregue aos pais das crianças, possibilitando, desta forma, um levantamento da situação atual da escola, em todos os seus aspectos.

Como parte do levantamento e para que chegássemos a um diagnóstico satisfatório e ao *Foco* de nossa escola, alguns aspectos foram considerados, a se saber:

- **Fluxo escolar:** frequência boa, classes cheias, bastante procura, com exceção das terceiras fases do Parcial, já que alguns pais optam por escolas que recebam seus filhos no Ensino Fundamental.
- **Processo ensino aprendizagem:** com bom desenvolvimento, principalmente por meio de projetos, sendo que os desdobramentos são trabalhados com atividades que tenham significado para as crianças, sejam elas histórias, músicas, dramatizações, rodas de conversa ou até atividades extra-escola, importando apenas o interesse e o envolvimento das crianças em experiências significativas.
- **Proposta Pedagógica da escola:** obedece ao Referencial Curricular para a Educação Infantil e aos propósitos da Educação Infantil Municipal da Prefeitura de Sorocaba, sendo monitorada observando-se o desempenho de professores e alunos no dia-a-dia escolar, com um currículo flexível onde a renovação é importante.
- **Recursos Humanos:** um bom quadro de professores com bom nível de entrosamento, orientados por uma diretora adepta da gestão participativa. No que diz respeito aos outros funcionários, apesar de serem excelentes, no momento três deles estão de licença médica e há problemas de ordem administrativa que impedem uma solução imediata para o caso. Assim, nós, professores e alunos, também estamos fazendo nossa parte, cuidando da classe, do refeitório e banheiros.
- **Assistência ao aluno:** o aluno vem sendo muito bem assistido haja vista o grau de satisfação dos pais e a procura, na grande maioria dos casos, de vagas para esta Unidade. A merenda e o cardápio são supervisionados e atendem às necessidades das crianças. Farto material pedagógico distribuído conforme a necessidade. Os alunos são bem orientados na questão de saúde e higiene em todos os seus aspectos e participam de campanhas para prevenção de doenças.

- **Administração e gestão financeira da escola:** a escola está muito bem administrada neste sentido, já que contamos com a APM, com o caixa escolar e com a clareza da administração, onde tudo é decidido em conjunto, com diálogo e bom senso.

- **Ambiente escolar:** professores bem entrosados com preocupação de se manterem atualizados; promoção de festas e eventos envolvendo famílias e comunidade; meios de comunicação bem utilizados; preocupação com atividades fora da escola, como teatro; ambiente tranqüilo, de paz, onde a harmonia, o respeito ao próximo e a união são uma prática constante. Tudo gira em torno do bem estar das crianças, para que se sintam felizes e possam desenvolver-se em todos os aspectos, construindo um saber sólido, com boas noções de cidadania.

- **Plano de Ação:** Apesar de serem muitos os aspectos positivos, alguns problemas nos afligem, sendo considerados prioridades, que serão colocados em forma de *pontos forte, pontos fracos, ação e meta*. Neste sentido vale destacar que para que nosso Foco se concretize, é necessário que nossas prioridades, em destaque nos pontos fracos, sejam alcançadas, solucionadas, sendo que nosso **plano de ação** se dará através de trabalho em equipe, diálogo e cooperação.

Monitoramento, avaliação: Nada mais importante para o desenvolvimento e o sucesso do PPP, que seu monitoramento, ou seja, que estejamos atentos a todos os passos, desde sua elaboração, até a realização das ações dentro das metas propostas. Assim, o contato entre supervisão/direção/corpo docente/funcionários, seja com diálogos, reuniões, troca de informações e materiais, será constante, tendo em vista condições cada vez mais favoráveis para o desenvolvimento e satisfação dos alunos.

ESTRUTURA FÍSICA

PONTOS FORTES	PONTOS FRACOS	AÇÃO	META
Prédio bem iluminado, ventilado e arborizado;	Falta de espaço reservado para os professores;	Ofício para a Secretaria da Educação solicitando mesa e cadeiras para os professores;	Espaço para os professores e reforma da quadra, 1 mês;
Espaço físico interno e externo apropriados às necessidades de recreação e desempenho pedagógico.	Quadras e armários com necessidade de reparos; Infiltração pela laje/teelhado.	Compra de tintas com o caixa escolar e solicitação de voluntários junto aos pais; Solicitação para a reforma dos armários Novo orçamento para conserto do telhado.	Conserto do armário, 2 meses; Infiltração, 3 meses.

EQUIPAMENTOS

PONTOS FORTES	PONTOS FRACOS	AÇÃO	META
<p>Máquina de xerox; TV; Video; Computador; Rádio/CD/Fita</p>	<p>Toca Cds apenas uma unidade, necessidade de mais 3. Fitas de video em número reduzido; CDs em número reduzido. Computador sem conexão com a Internet</p>	<p>Viabilizar a compra dos equipamentos pelo caixa escolar. Solicitar voluntário para instalar a Internet.</p>	<p>Aquisição do material no prazo de 1 mês. Instalação da Internet no prazo de 1 mês.</p>

ASPECTOS PEDAGÓGICO E FUNCIONAL

PONTOS FORTES	PONTOS FRACOS	AÇÃO	META
<p>Variedades de jogos, materiais didáticos e livros infantis;</p> <p>Troca de materiais, experiências e idéias entre os professores;</p> <p>Bom relacionamento entre corpo docente, funcionários e direção.</p> <p>Vontade, pelos docentes, de cursos de atualização.</p>	<p>Falta de livros teóricos/referências, para apoio à prática pedagógica.</p> <p>Falta de cursos de atualização promovidos pela PMS</p>	<p>Dar continuidade à troca de materiais entre os docentes;</p> <p>Solicitação/doação de livros didáticos.</p> <p>Solicitação de cursos de atualização.</p>	<p>Troca de materiais será contínua;</p> <p>Doação/compras, 2 meses.</p> <p>Viabilizar os cursos para o segundo semestre.</p>

MISSÃO DA ESCOLA

Baseados no Referencial Curricular para a Educação Infantil, procuramos embasar nosso trabalho do Projeto Político Pedagógico, entendendo a escola numa perspectiva de escola cidadã, encontrando-se esta, inserida num contexto de intensas transformações, deixando muito claro a grande diversidade étnico-cultural que marcam nossa era.

O PPP não é somente um conjunto de metas, objetivos e procedimentos, mas toda uma atmosfera de renovação que, partindo do instituído, da legislação, exige mudança de mentalidade que leve a uma maior autonomia e participação, envolvendo todos os recursos humanos da escola, caracterizando uma gestão democrática.

Desta forma, juntamos nossas forças na busca da formação do sujeito integral, construtor de conhecimento, criando oportunidades para que nossos alunos tomem consciência da situação do mundo atual, que se mostra individualista e competitivo. É preciso buscar a humanização de nossas ações como um todo, resgatando e valorizando conceitos como a solidariedade, a democracia, a inclusão, o respeito e o posicionamento crítico diante do mundo.

Portanto, é importante criar condições, propor experiências para a construção do saber, que além das áreas do conhecimento, permita a busca de uma identidade sociocultural que se inicia no começo de nossas vidas: família a que pertencemos, rotineiras que praticamos, bairro em que vivemos, maneira de tratar com os outros, etc. Ainda, propor atividades com sentido, reais e desafiadoras para a criança e que as mesmas sejam significativas e prazerosas, incentivando sempre a descoberta, a criatividade e a criticidade. Segundo a nova LDB, na educação infantil, a Pedagogia do olhar torna possível o cumprimento do desenvolvimento integral da criança até seis anos de idade, em seus aspectos físico, psicológico, intelectual e social, na medida em que o processo didático complementa a ação da família e da comunidade.

Insistiremos na busca e concretização de uma escola onde o aluno possa encontrar um ambiente favorável ao seu crescimento enquanto cidadão, onde a relação professor/aluno esteja baseada numa constante troca de aprendizagem oportunizando diálogo e o respeito mútuo.

Anexo B: Projeto Político Pedagógico da escola “Y”

(Dados parciais mantendo o sigilo sobre a escola)

A ESCOLA – HISTÓRICO

Horário de Funcionamento:

Segundas às Sextas-feiras, das 7 às 17:00h, atendendo às seguintes turmas:

- 1ª fase (4 anos);
- 2ª fase (5 anos);
- 3ª fase (6 anos).

Vocação da Escola

Formar cidadãos conscientes de seus direitos e deveres através de vivências e experiências cotidianas, construindo assim conhecimentos e aplicando-os nas relações humanas sociais e ambientais, em busca de uma melhor qualidade de vida Homem / Mundo.

Buscamos uma educação de qualidade para todos e que promova o seu crescimento em relação à compreensão do mundo e de si; acreditamos em seres plenos, autônomos, capazes de transformar o mundo.

Missão da Escola

- Proporcionar conhecimentos com prazer aos nossos alunos;
- Promover o crescimento de todos junto à comunidade: esporte, saúde, cultura, lazer e educação;
- Conscientizar as famílias da importância de sua participação na escola;
- Solucionar problemas com a participação de todos.

Estudo do meio e Diagnóstico da situação atual

Fluxo Escolar

- 2 turmas de 1ª fase, 3 turmas de 2ª fase e 3 turmas de 3ª fase, totalizando 8 turmas.
- Matrículas iniciais: 244
- Evasão: + ou – 5% ao ano
- Motivo: mudanças

- 8 professoras;
- 2 merendeiras (COAN);
- 2 serventes;
- 2 auxiliares de serviço;
- 1 diretora.

Assistência aos alunos

Merenda – Serviço terceirizado

Limpeza – 3 funcionárias

Saúde (P.A., Centro de Saúde, Projetos em parceria com a Séc. Saúde)

Organização do Atendimento Escolar

- Critérios de atendimentos de acordo com a SEC.
- Demanda: a procura é muito maior do que a oferta de vagas.
- Zoneamento:
 - Jd. M^a Eugênia;
 - Jd. Pacaembu;
 - Jd. Sto. Amaro;
 - Jd. das Flores;
 - Jd. Novo Horizonte;
 - Jd. Real;
 - Jd. Santa Cecília.

Estrutura Física do Prédio

Construído com projeto da Prefeitura Municipal de Sorocaba com:

- Área Livre;
- Diretoria com pequena biblioteca;
- Playground;
- 1 tanque de areia;
- 4 salas de aula;
- 1 banheiro feminino com 3 vasos sanitários e 2 lavatórios;
- 1 banheiro masculino com 3 vasos sanitários e 1 lavatório e 1 mictório;
- 2 banheiros para adultos;
- 1 cozinha com pequena dispensa para alimentos;
- 1 lavanderia pequena.

Diretoria: 2 mesas, 2 cadeiras, 1 telefone, 1 armário de alvenaria (documentação / arquivo).

Biblioteca: coleções de livros.

Salas de aula

Cozinha: utensílios da mesma (panelas, pratos, canecas, talheres), armário de alvenaria, 1 fogão, 1 freezer e 1 geladeira.

Galpão: 2 salas – ambiente, sendo 1 para jogos e 1 para Ed. Artística, com os respectivos materiais.

Aparelhos Recreativos: 1 casa do Tarzan, 2 escorregadores, 1 gira-gira, 6 balanças de pneus, 2 gangorras e 1 casinha de bonecas.

Administração e Gestão Financeira

- APM – Contribuição voluntária dos pais instalada neste ano.
- Adiantamento de verba da P.M.S. para manutenção.
- Tarefas selecionadas pelo Colegiado e demais pais.
- Regimento escolar já elaborado.

Desempenho dos alunos no processo ensino-aprendizagem

- É analisado pela observação e acompanhamentos contínuo das dificuldades de aprendizagem.
- Ao difíc. são discutidos pela equipe nas reuniões ou outras oportunidades.
- É exposto aos pais as dificuldades e combinado ações para o desenvolvimento.

Desenvolvimento Pedagógico da Escola

A partir do diagnóstico realizado com a comunidade, já uma tentativa de elaboração de um currículo o mais próximo possível de atender essas expectativas.

Há necessidade de reforçar os fundamentos teóricos quanto às etapas e níveis de aprendizagem, para clarear os objetivos.

Os professores planejam de forma cooperativa, trocam idéias entre si, mas precisam de tempo para grupos de estudo.

Organização das atividades pedagógicas

- Em sala de aula;
- Técnicas diversificadas;
- Atividades extra-classe;
- Priorizando o cumprimento do Regulamento Escolar.

Acompanhamento e avaliação do ensino-aprendizagem

Acontece durante todo o processo da aprendizagem.

Ambiente escolar – Cultura da escola

- Participação de pais e professores na discussão dos temas mais relevantes à comunidade, com a preocupação de que os mesmos conheçam a proposta pedagógica.
- A relação escola e comunidade externa é feita através de parcerias com os outros centros de atendimento ao público, como o Centro Esportivo, o Posto de Saúde, comércio local, escolas vizinhas, etc.
- Projetos Interdisciplinares:
 - Meio Ambiente
 - Saúde
 - Segurança
 - Cidadania
 - Identidade
- O Espaço Cultural é agregado em todas as salas de aula.

PONTOS FORTES	PONTOS FRACOS
Professoras envolvidas	Estrutura Física necessitando de reformas e adaptações
Atendimento à comunidade eficiente	Pintura
Direção aberta às novidades	Comunidade pouco participativa
Equipe envolvida	Troca de alambrado
Motivação para os projetos	Necessidade de estrutura física para atender deficientes
Comunidade presente	Troca de piso e algumas portas

PROBLEMAS

Reestruturas nossa forma de trabalho: eliminação do rodízio;
Conscientizar os pais da importância da escola e da mudança da forma de trabalho;

Trazer a comunidade para a escola, valorizando os talentos da mesma e dando espaço para que possam desenvolver suas habilidades;

Promover festas e eventos para a união da comunidade e escola:

- a) Confeccção de jornal informativo
- b) Reuniões
- c) Buscar participação efetiva da APM

Formar parcerias com o Centro Esportivo, Posto de Saúde e Sociedade Amigos de Bairro;

Elaborar projetos onde serão trabalhados e desenvolvidos os temas transversais: Meio Ambiente, Saúde, Segurança, Cidadania, Identidade.

Rever os fundamentos teóricos da educação (Piaget) para atender os alunos com consciência do nível de desenvolvimento de cada um, de acordo com a sua faixa etária, adquirindo, assim, lastro pedagógico.

Ampliar a melhor a documentação (registro)

- Refazer a ficha de prontuário do aluno;
- Refazer a ficha de diagnóstico da comunidade;
- Fazer a ficha individual de cada criança com as principais informações sobre o desenvolvimento da criança (afetivo, social, emocional, cognitivo e motora).

Vivenciar o Regimento Escolar.

Criança no Ensino Fundamental com 6 anos.

Evasão de alunos.

Falta de funcionários ou com limitações de saúde.

Falta de estrutura administrativa (computadores e auxiliar administrativo)

Falta treinamento dos funcionários terceirizados.

Qualidade insatisfatória da merenda.

**Anexo C: Relação das escolas de Educação Infantil
(Rede Municipal de Sorocaba)**

CENTROS DE EDUCAÇÃO INFANTIL/2005

CEI	Endereço	Bairro	Telefone
01 "Antonio Carlos de Barros"	R. Cel. Nogueira Padilha, s/n°	Vi. Hortência	3227-6662
02 "Profª Marina Grohmann"	R. Rodrigues Alves, 619	Vi. Santana	3233-1090
03 "Dona Zizi de Almeida"	R. Dr. Luiz Mendes de Almeida, 734	Cerrado	3221-1840
EM " João Francisco Rosa" *	Av. Ipanema, s/n°	Vi. Angélica	3233-3816
05 " Antonio Amabile"	Rua Panamá, nº 186 esq. R. Chile	Barcelona	3232-2999
EM " Profª Julica Birrenbach" *	R. São Miguel Arcanjo, 160	Árvore Grande	3227-7680
07 " Francisca Moura Pereira da Silva"	Praça Pio XII, 100	Santa Rosália	3232-6292
08 "Profª Messias Ribeiro de Noronha Cunha"	Praça José Vicente Vannunchi, s/n°	Vi. Progresso	3233-1822
09 " Profª Fernando Rios"	R. Nicolau Elias Tiberechamy, 200	Jd. Arco Iris	3222-1744
10 " Eglantina Rocco Perli"	R. Joaquim Machado, 732	Aparecidinha	3225-2363
11 " Dona Tercília Freire"	R. Joaquim Gonçalves Gomide, 127	Jd. Belmejo	3221-6616
EM " Profª Maria Ignêz Figueiredo Deluno" *	R. Antero José da Rosa, s/n°	Mineirão	3231-4804
13 " Aluisio de Almeida"	R. Ana Gomes Corrêa, 50	Brigadeiro Tobias	3236-6075
14 " Engª Carlos Reinaldo Mendes"	R. Salvador Leite Marques, 790	Éden	3225-2032
15 "Profª Terezinha Lucas Fernandes"	Av. Juscelino K. de Oliveira, 1166	Centro	3231-6295
16 "Profª Beatriz de Moraes Leite Fogaça"	Av. Dr. Afonso Verqueiro, 1238	Centro	3231-3199
17 "Issa Latuf"	R. Marechal Castelo Branco, 242	Jd. Sandra	3231-2608
18 " Miguel Cheda"	R. Atanásio Soares, 810	Vi. Fiore	3231-2605
EM " Maria Domingas Tôtora de Góes" *	Al. Laurindo de Brito, 180	Vi. Carol	3232-9568
20 " Victória Salus Lara"	R. Alcino Guanabara, 379	Árvore Grande	3227-3081
21 " Aureliano Rodrigues"	R. Salvador Stefanelli, 506	Jd. Zulmira	3222-3748
22 "Dr. Victor Pedroso"	R. Betsaida, 49	Jd. Bethania	3223-5301
23 " Dolores Cupiam do Amaral"	R. José Marchi, 456	Jd. Dos Estados	3222-4213
EM " Sorocaba-Leste" *	R. Cervantes, 678	Vi. Assis	3227-1213
25 " Jorge Frederico Scherepel"	R. Tchecoslovaquia, 283	Jd. Europa	3221-8843
26 " Luiz de Sanctis"	R. Érico Veríssimo, 222	Central Parque	3221-3717
27 " Profª Christina dos Reis"	R. Manoel Lourenço Rodrigues, 535	Vi. Barão	3221-9295
28 " Rauldineia Esteves Machado"	R. Alcino Oliveira Rosa, 267	Pq. São Bento	3223-2247
EM " Tereza Ciambelli Gianini" *	R. Pilades Scalletti, 218	Nova Sorocaba	3223-6386
30 "Maria Pedrosa Bellotti"	R. Nelson A. Gomes, 49	Jd. São Paulo	3222-0761
31 "Victoria Haddad Sayeg"	R. José Martinez Y Martinez, 50	Jd. Gonçalves	3227-4194
EM " Rosa Cury" *	R. Octávio Novaes de Carvalho, 36	Jd. Americano	3222-5700
33 " Elvira Nani Monteiro"	R. Paula Maia Cattini, s/n°	Jd. Nova Esperança	3221-3733
34 " Alberto Grosso***"	R. Marcelo Scotto, 70	Vi. Rica	3228-1677
35 " Maria Ondina Soares Vial Brunetto"	R. Arlinda de Almeida Santos, 138	Jd. Itanguá II	3222-8445
36 " Drª Albney Medeiros Carneiro"	R. José de Andrade, 10	Pq. Ouro Fino	3221-1174
EM " José Mendes" *	R. Armando Rizzo, Prof. nº 558	Vi. Almeida	3226-5472
38 " Maria Garcia Vecina"	R. João Gabriel Mendes, 381	Vi. Gabriel	3233-8782
39 " Sha'ar Hanegev"	R. Paschoal Túlio, 57	Vi. Colorau	3227-3704
40 " D. Duzolina Batiolla Pagliato***"	R. Campinas, 260	Jd. Iguatemi	3228-2675
41 " Antonio Fratti"	R. Mário Romano, 290	Jd. Maria Eugênia	3226-5469
EM " Profª Léa Edy Alonso Saliba" *	Av. Manoel Camargo Sampaio, 1024	J. M. Augusto	3223-1859
43 "Profª Vera Lúcia Momesso Maldonado"	R. Vicente Celestino, 201	Jd. Gutierrez	3227-1311
44 "Luiz Ribeiro"	R. Moacir Nascimento, 475	Vi. Carvalho	3233-5066
45 "Diva Ferreira Cordeiro"	Av. Dr. Ulisses Guimarães, 1011	Pq. das Laranjeiras	3226-4107
46 "Ernesto Martins***"	R. Arlete Pimentel Viessi, s/n°	Retiro São João	3228-1290
47 "Profª Betty Souza Oliveira"	Rod. Raposo Tavares, Km 109	Ipanema do Meio	3221-5813

<http://www.sorocaba.sp.gov.br/secoes/prefeitura/secretarias/educacaoocultura/downloads/CEI2005.xls>

CEI	Endereço	Bairro	Telefone
48 "Frai Achilles Klockner"	Av. Paraná, 3719	Cajuru do Sul	3225-3466
EM "Paulo Fernando Nóbrega Tortello" *	R. Pedro Carrasco Montalbam, 140	Pq. das Laranjeiras II	3226-5870
50 "Proª Alípio Guerra da Cunha"	R. Cinco, s/nº	Jd. Ipiranga (Lilú)	3221-1841
51 "Rubens Vieira"	R. José João Mira Domingues, 204	Jd. Brasilândia	3232-0423
52 "Olga Chibau Fornaziero"	R. Francisco Loureiro, 526	Vi. Melges	3232-6771
53 "Benjamin Felipe Grizzi"	R. Andrelino de Souza, 610	Jd. Maria Antonio Prado	3226-1086
54 "Sônia Aparecida Machado"	R. Diolindo Alves de Luz, 132	Bairro dos Morros	3227-1355
EM "Profª Maria de Lourdes Ayres de Moraes" *	Av. Olinda Ayres Pauletti, 500	Jd. Santa Marina I	3226-6354
EM "Profª Norma Justa Dall'Ara" *	R. Cloomiro Pereira, 249	Pq. Vitória Régia	3226-6541
57 "Engº João Salerno"	Av. Luiz Gonzaga do Nascimento Filho, s/nº	Júlio de Mesquita Filho	3221-0887
58 "Profª Dulce Puppo de Oliveira Pinheiros"	R. Elezer Barbosa de Lima, s/nº	Jd. Maria do Carmo	3232-9981
59 "Eugênio Leite"	R. Frei Ernesto Buzzi, s/nº	Brigadeiro Tobias	3236-6022
60 "Anna Rusconi"	R. Tocantins, 462	Vi. Jardini	3221-9358
61 "Yolanda Rizzo"	R. Ana Ramos dos Santos, s/nº	Lopes de Oliveira	3223-1327
62 "Monsenhor Antônio Simon Sola"	R. Havana, 36	Parada do Alto	3233-5042
63 "Reynaldo D'Alessandro"	Av. Engº Carlos Reinaldo Mendes, 3043	Alto da Boa Vista	3238-2228
64 "Joana Simon Sola**"	R. Constantino Spanghero, 106	Vi. Rica	3228-1953
65 "Santo Agostinho"	R. Josefina Belline, 180	Jd. Novo Mundo	3221-8621
66 "Frat. Feminina Cruzeiro do Sul"	R. Olimpio Loureiro, 155	Vi. Haro	3227-1496
67 "Profª Maria das Graças A P Nardi"	Av. Pécito de Souza Queiróz, 631	Vi. Barão	3221-6977
68 "Gladys Moeckel de Togni Amaral"	Av. Angélica, 984	Vi. Angélica	3231-3415
69 "Profª Ester Bueno de Camargo Nascimento"	R. Cinco, 142	Jd. Ipiranga (Lilú)	3221-8802
70 "Profª Adail Odin Arruda"	R. João Mattuci, 170	Nova Sorocaba	3223-1802
71 "Profª Yolanda Prestes Neder"	R. Paula Maier Cattini, s/nº	Nova Esperança	3217-2114
72 "Profª Sueli Gazzolli Campos"	R. João de Mello, 109	Aparecidinha	3225-2766
73 "Matilde Gavin"	R. Nelson Herdy Barbosa, 52	Jd. Matilde Gavin	3226-1173
74 "Profª Maria de Castro Affonso Marins"	R. Atílio Silvano, 471	Jd. Pacaembu	3226-3212
75 "Jornalista Alcir Guedes Ribeiro"	R. Diogo Gomes Filho, s/nº	Pq. das Laranjeiras	3226-5672
76 "Menino Jesus"	R. Pedro Lombardi, 574	Mineirão	3233-7449
77 "Profª Olga de Toledo Lara"	R. Joaquim Roque de Oliveira, 366	Vi. Astúrias	3236-6441
78 "Ettore Marangoni"	R. Dionisio Bueno Sampaio, 131	Vi. Sabiá	3231-3897
79 "Proª João Tortello"	R. Masaharu Tanagushi, 65	Jd. Botucatu	3223-2066
80 "Profª Ana Rosa Judice Moreira Zanussi de Oliveira"	R. Silvio Fernandez de Oliveira, 60	Pq. Vitória Régia	3226-5201
81 "Profª Edith Del Cistia Santos"	R. Alcindo Oliveira Rosa, s/nº	Pq. São Bento	3223-5323
82 "Proª Benedito Marçal - Didi"	Av. Dr. Américo Figueiredo, 3180	Júlio de Mesquita Filho	3202-4886
83 "Maria Carmen Rodrigues Sacker"	Rua Rogério Pedroso de Sousa	Jd. Lena (Eden)	3325-3333
84 "Osmar de Almeida"	Rua Aristides de Barros, s/nº	Jd. São Guilherme I	3226-5993

* unidades que atendem Educação Infantil e Ensino Fundamental.

atualizado em dezembro 2004

)

Anexo D : Respostas das Entrevistas com as Diretoras

1ª Entrevista

1) Identificação Pessoal

- Nome: S. (diretora)
- Idade: 39 anos
- Formação: Pós-graduada
- Tempo que está na direção: 10 anos

2) Dados da Escola

- Localização: Zona Norte
- Número de alunos: 294
- Número de alunos por fase: 1ª fase: 72 crianças
2ª fase: 108 crianças
3ª fase: 114 crianças
- Número de professoras: 8
- Número de funcionários: 4 serventes
2 merendeiras

3) Identifique as ações planejadas para a participação de pais na escola:

- Reunião de pais: Acontecem no final de cada bimestre.
- Palestras: Sim. Mas com uma frequência menor, pois dependemos de outros tipos de profissionais (bombeiros, dentistas, médicos...).
- Quando ocorrem as palestras e reuniões: Sempre durante a semana.

4) O que você entende por participação de pais / família na escola?

R.: Eu acho que é importante para conhecer melhor as crianças, o tipo de família que ela está inserida, e também é um momento onde podemos conscientizar os pais sobre a importância da escola e do valor da escola.

5) Dentro desse perfil, como você avalia a participação dos pais na sua escola?

R.: Eles participam bastante das reuniões. Na medida do possível eu insisto para que venham nas reuniões. É difícil fazer com que participem das palestras e também com o financeiro, já que o bairro é considerado carente.

6) Há mudança de participação de uma fase para a outra?

R.: Não. A participação é igual em todas as fases. O que eu percebo é que temos mães mais participativas, mesmo algumas trabalhando fora de casa elas dão um jeito para participar, e outras que já não se envolvem tanto, mesmo tendo uma disponibilidade maior. Outra coisa interessante, é que dependendo da professora, o número de pessoas é maior em reuniões. Tem professoras que conseguem mais essa participação. Normalmente são as que mais conversam com os pais no portão, e acabam tendo uma afinidade maior.

7) Quem participa mais das reuniões? Os pais novos (1ª fase) ou pais que já têm a mais tempo os filhos nesta escola?

R.: Embora a escola insista bastante para que todos participem das reuniões, eu percebo que os pais que têm os filhos a mais tempo aqui na escola participam mais. Talvez pela afinidade, ou então por perceberem que a escola acredita e passa para eles a importância dessa participação.

8) Sabemos da elaboração de projetos. Existe ou já existiu a elaboração de projeto em 2005 que teve a participação dos pais?

R.: Na semana do folclore, foi solicitado para que cada pai, junto com o seu filho, confeccionassem um brinquedo com sucata em casa. Esses brinquedos vieram para a escola e foi feita uma exposição. No dia da exposição a família entrou na escola para conhecer os demais brinquedos e brincar um pouco com o seu filho.

9) Você considera a sua escola democrática? Como identifica isso?

R.: Sim. Procuro ouvir os pais não só em reuniões, mas nos momentos em que

1ª Entrevista

1) Identificação Pessoal

Nome: L. (diretora)

Idade: 45 anos

Formação: Graduada em Pedagogia

Tempo que está na direção: 3 anos

2) Dados da Escola

Localização: Além Linha

Número de alunos: 263

Número de alunos por fase:

Fase	Período Integral	Período parcial (manhã)	Período parcial (tarde)	Total
Maternal	28			28
1ª fase	29	26	28	83
2ª fase	32	21	28	81
3ª fase	28	20	23	71

Número de professoras: 10

Número de funcionários: 10

3) Identifique as ações planejadas para a participação de pais na escola:

- Reunião de pais: Sim, somente reuniões de pais.
- Palestras: Projeto Brasinha (Corpo de Bombeiros) – somente para as crianças.
- Quando ocorrem as palestras e reuniões: Para que os pais participem tem que ser logo no início do período de aula, pois os pais trabalham.

4) O que você entende por participação de pais / família na escola?

R.: É muito importante fazer com que a família participe das atividades escolares de seu filho. Quando acontece essa participação, o desenvolvimento do aluno é melhor. Com os pais participantes, muitas vezes os filhos são brilhantes.

5) Dentro desse perfil, como você avalia a participação dos pais na sua escola?

R.: Infelizmente tenho muita dificuldade de fazer com que os pais participem das atividades escolares dos filhos por dois problemas:

- 1º) As crianças desta escola não são moradores deste bairro. Hoje as crianças que freqüentam esta escola são de 71 bairros diferentes. Alguns são filhos de domésticas que trabalham neste bairro, outros, têm os pais trabalhando no hipermercado que é aqui perto, alguns os pais trabalham na Zona Industrial e a escola fica no caminho entre a casa e o trabalho. Apenas 30% dos alunos é que residem aqui neste bairro ou em bairros vizinhos. Além do mais são crianças de diferentes classes econômicas.

- 2º) Meu segundo problema está em relação ao meu corpo docente. Hoje eu tenho 10 professoras e 5 delas são efetivas e não estão trabalhando aqui na escola. No momento estão em outras repartições públicas com outros cargos (diretoras, supervisoras...). Na verdade eu tenho 5 professoras da casa e 5 professoras que são substitutas, que no próximo ano mudam de escola. Portanto fica difícil, pois até a professora conhecer a escola, se acostumar com a escola e com essa diferente clientela, conhecer os pais, conquistar os pais, saber a maneira que a diretora trabalha (tentando fazer com que os pais participem) já é quase final do ano, e no próximo ano tenho que começar esse trabalho tudo de novo.

5) Há mudança de participação de uma fase para a outra?

R.: Sim, os pais dos menores (Maternal e 1ª fase) são os que mais participam. Talvez por ser o primeiro ano do filho na escola. Com o tempo, depois que eles pegam uma certa confiança na escola, eles acabam não participando mais.

7) Sabemos da elaboração de projetos. Existe ou já existiu a elaboração de projeto 2005 que teve a participação dos pais?

R.: Fizemos em agosto, por causa do Folclore uma atividade onde a criança deveria trazer de casa um brinquedo feito com sucata pela criança com a participação da família. Poucos trouxeram, ou seja, poucos participaram.

8) Você considera a sua escola democrática? Como identifica isso?

R.: Considero, porque dou abertura para os pais virem aqui em busca de informações, trocas de experiências, para que participem do PPP, faço as festas e reuniões em horários mais apropriados eles... Mas infelizmente falta muito interesse da comunidade. É muito difícil trabalhar com essa comunidade em termos de participação. É uma clientela que não se envolve com as atividades escolares, mesmo aqueles que moram nessa região.

Anexo E: Respostas das Entrevistas com as Mães

1ª Entrevista com Mãe

1) Identificação Pessoal:

- Nome: M. (mãe)
- Idade: 28 anos
- Estado Civil: Casada
- Profissão: Do lar
- Filhos: 1
- Número de filhos na escola: 1
- Idade: 5 anos
- Fase que está cursando: 2ª fase
- Quanto tempo frequenta essa escola: 2 anos

2) Por que optou por essa escola?

R.: Moro nesse bairro e pela localização.

3) Você participa da escola de Educação Infantil:

- Trazendo o seu filho?

R.: Sim, sou eu que trago e venho buscar.

- Entra na escola?

R.: Quando necessário sim, mas normalmente deixo e pego no portão.

- Conversa com os profissionais da escola?

R.: Sim, bastante. Principalmente no portão com o inspetor ou até com a professora.

- Quem entrega a criança na saída para você?

R.: A professora.

- É necessário agendar um horário para conversar com a professora ou diretora?

R.: Não quando eu preciso falar eu entro e converso com elas ou eu telefono.

4) Sei que existem reuniões para os pais:

- Você participa?

- R.: Sim.
- Com que frequência?
R.: Todas.
 - De que maneira os pais são informados dessa reunião?
R.: Bilhete no caderno.
 - Quantas reuniões tiveram esse ano?
R.: Três.
 - Qual o horário em que são feitas essas reuniões?
R.: Logo na entrada.
 - Quais os assuntos que são tratados nessas reuniões?
R.: Parte pedagógica, comportamento da criança, o relacionamento, as atividades que estão sendo feitas...
 - Você gosta?
R.: Sim.

5) A escola oferece palestras para os pais e alunos?

- R.: Neste ano uma vez.
- Você participou?
R.: Não, só as crianças.
 - Qual foi o assunto?
R.: Fogo (Corpo de Bombeiro).

6) Como são as festas? Durante a semana?

- R.: Sim, sempre durante a semana.
- Você gosta?
R.: Gosto.
 - Como poderia ser?
R.: Elas são mais para as crianças (Páscoa, Índio...). Para os pais só teve o Dia das Mães. Acho que poderia ter mais para os pais participarem.

7) Na sua opinião, como deveria ser a participação dos pais na escola?

R.: Os pais devem se envolver para poder ajudar em casa. Se não sabem o que está acontecendo na escola, não conseguem fazer nada em casa.

8) Na sua opinião, o que significa os pais participarem?

R.: É saber como as crianças estão na escola, é acompanhar.

9) Você acha importante? Por quê?

R.: Eu acho e procuro fazer isso para deixar minha filha mais segura também.

2ª Entrevista com Mãe

1) Identificação Pessoal:

- Nome: P. (mãe)
- Idade: 35 anos
- Estado Civil: Separada
- Profissão: Professora (escola estadual)
- Filhos: 1
- Número de filhos na escola: 1
- Idade: 4 anos
- Fase que está cursando: 1ª fase
- Quanto tempo frequenta essa escola: 1 ano

2) Por que optou por essa escola?

R.: Indicação da irmã que gostava muito do trabalho da antiga diretora.

3) Você participa da escola de Educação Infantil:

- Trazendo o seu filho?

R.: Às vezes. É mais o pai que traz e vem buscar.

- Entra na escola?

R.: Sim, sempre.

- Conversa com os profissionais da escola?

R.: Sim, quando necessário.

- Quem entrega a criança na saída para você?

R.: A professora.

- É necessário agendar um horário para conversar com a professora ou diretora?

R.: Não.

4) Sei que existem reuniões para os pais:

- Você participa?

R.: Sim.

- Com que frequência?

R.: Venho em todas.

- De que maneira os pais são informados dessa reunião?

R.: Bilhete no caderno.

- Quantas reuniões tiveram esse ano?

R.: Três.

- Qual o horário em que são feitas essas reuniões?

R.: Normalmente é logo na entrada.

- Quais os assuntos que são tratados nessas reuniões?

R.: Mostram as atividades feitas, falam do pedagógico, do desenvolvimento de cada aluno, das dificuldades, das festas...

- Você gosta?

R.: Sim.

5) A escola oferece palestras para os pais e alunos:

R.: Teve uma vez.

- Você participou?

R.: Não, só as crianças.

- Qual foi o assunto?

R.: Sobre o fogo com os bombeiros.

6) Como são as festas:

- Durante a semana?

R.: Sim.

- Você gosta?

R.: Sim.

- Como poderia ser?

R.: Eu acho que se a minha filha fica satisfeita com as festas, então para mim está bom.

7) Na sua opinião, como deveria ser a participação dos pais na escola?

R.: Total. O trabalho deve ser coletivo e não parcial. Deve existir muito a participação da família na escola. Não para dar palpites, criticar, mas sim para saber o que realmente está acontecendo com o seu filho, o que está sendo proposto para o seu desenvolvimento. É isso o que eu procuro saber nas reuniões.

8) Na sua opinião, o que significa os pais participarem?

R.: É se envolver totalmente com a vida escolar de seus filhos, procurando informações, procurando saber o que está acontecendo na escola, saber da parte pedagógica...

9) Você acha importante? Por quê?

R.: Sim, é fundamental para o processo de desenvolvimento. Pais devem mostrar interesse pelos filhos.

3ª Entrevista com Mãe

1) Identificação Pessoal

- Nome: R. (mãe)
- Idade: 29 anos
- Estado Civil: Casada
- Profissão: Do lar
- Filhos: 1
- Número de filhos na escola: 1
- Idade: 5 anos
- Fase que está cursando: 2ª fase
- Quanto tempo frequenta essa escola: 1 ano

2) Por que optou por essa escola?

R.: No meu bairro não tinha mais vaga, portanto encaminharam para um bairro vizinho.

3) Você participa da escola de Educação Infantil:

- Trazendo o seu filho?

R.: Sim.

- Entra na escola?

R.: Sim, entrego e retiro na porta da classe.

- Conversa com os profissionais da escola?

R.: Sim, a professora conversa todos os dias na entrada ou na saída para dizer se foi tudo bem.

- Quem entrega a criança na saída para você?

R.: A professora.

- É necessário agendar um horário para conversar com a professora ou diretora?

R.: Não.

4) Sei que existem reuniões para os pais:

- Você participa:

R.: Sim.

- Com que frequência?

R.: Todas.

- De que maneira os pais são informados dessa reunião?

R.: Vai bilhete.

- Quantas reuniões tiveram esse ano?

R.: Três, uma por bimestre.

- Qual o horário em que são feitas essas reuniões?

R.: Na entrada dos alunos.

- Quais os assuntos que são tratados nessas reuniões?

R.: Comportamento, material que está sendo usado, como meu filho está fazendo as atividades...

- Você gosta?

R.: Sim.

5) A escola oferece palestras para os pais e alunos:

R.: Teve duas vezes.

- Você participou?

R.: Não, só as crianças.

- Qual foi o assunto?

R.: Bombeiro e dentista.

6) Como são as festas:

- Durante a semana?

R.: Na 6ª feira.

- Você gosta?

R.: Sim.

- Como deveria ser?

R.: Para mim está bom.

7) Na sua opinião, como deveria ser a participação dos pais na escola?

R.: Deveria ter mais reunião. Acho que uma vez por mês seria melhor, pois muitas coisas podem acontecer em dois meses.

8) Na sua opinião, o que significa os pais participarem?

R.: É vir na escola saber como está o seu filho.

9) Você acha importante? Por quê?

R.: Sim, faz parte da educação deles.

4ª Entrevista com Mãe

1) Identificação Pessoal

Nome: A. (mãe)

Idade: 25 anos

Estado Civil: Casada

Profissão: Do lar

Filhos: 2

Número de filhos na escola: 1

Idade: 6 anos

Fase que está cursando: 3ª fase

Quanto tempo frequenta essa escola: 3 anos

2) Por que optou por essa escola?

R.: Não tinha vaga perto de casa então mandaram para cá.

3) Você participa da escola de Educação Infantil:

- Trazendo o seu filho?

R.: Sim todos os dias.

- Entra na escola?

R.: Sim, sempre.

- Conversa com os profissionais da escola?

R.: Sim, quando é preciso.

- Quem entrega a criança na saída para você?

R.: A professora.

- É necessário agendar um horário para conversar com a professora ou diretora?

R.: Não.

4) Sei que existem reuniões para os pais:

- Você participa?

R.: Sim, participo.

- Com que frequência?

R.: Venho em todas.

- De que maneira os pais são informados dessa reunião?

R.: Vai bilhete no caderno.

- Quantas reuniões tiveram esse ano?

R.: Três.

- Qual o horário em que são feitas essas reuniões?

R.: Na entrada.

- Quais os assuntos que são tratados nessas reuniões?

R.: Falam tudo o que acontece com a criança na escola, mostram o material...

- Você gosta?

R.: Sim, não tenho do que reclamar.

5) A escola oferece palestra para os pais e alunos:

R.: Teve duas vezes.

- Você participou?

R.: Não, só as crianças.

- Qual foi o assunto?

R.: Veio o bombeiro e a dentista.

6) Como são as festas:

- Durante a semana?

R.: Sim, na 6ª feira.

- Você gosta?

R.: Gosto.

- Como poderia ser?

R.: Para mim está bom.

7) Na sua opinião, como deveria ser a participação dos pais na escola?

R.: Acho que todo mundo deveria vir para saber pelo menos como está seu filho. Isso é a obrigação dos pais.

8) Na sua opinião, o que significa os pais participarem?

R.: Os pais participando os filhos podem ter melhor desempenho.

9) Você acha importante/ Por quê?

R.: Quando eu participo, eu vejo meus filhos satisfeitos, realizados.

Anexo F: Questionário utilizado pelas Diretoras

(para levantamento da clientela)

1º - Você está satisfeito com o atendimento em nossa escola? Explique.

2º - O que você espera que o seu filho desenvolva aqui em nossa escola?

3º - Qual o nível escolar da sua família

	Mãe	Pai
1º Grau incompleto	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
1º Grau completo	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
2º Grau incompleto	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
2º Grau completo	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Nível superior	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

4º - Quantas pessoas trabalham na família?

5º - Qual renda mensal da família?

- R\$ 100,00 à R\$ 300,00 R\$ 500,00 à R\$ 1.000,00
 R\$ 300,00 à R\$ 500,00 R\$ acima de R\$ 1.000,00

6º - Quantas pessoas moram na casa?

7º - Qual o tipo de moradia?

- Tijolo Madeira Casa Apto. outras

8º - A sua casa é:

- própria alugada

8º - A criança mora com:

- pai mãe irmãos avós outros